



Prefeitura
de Itatiba

Secretaria da Educação

COLETÂNEA DE ATIVIDADES

Organização: Prof.^a Luciana Gotardo Canal e Prof.^a Camila de Carvalho

CONTOS DE ASSOMBRAÇÃO

Caderno do Aluno

5º ANO



Apresentação

A Secretaria da Educação de Itatiba, considerando as demandas recebidas da própria rede e com a reformulação do currículo Municipal no ano de 2020, baseado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tomou a iniciativa de elaborar um material de apoio ao professor, intitulado como “Coletânea de atividades”, com o intuito de colaborar com o desenvolvimento de atividades significativas para o aprendizado dos gêneros previstos para a produção de texto de cada ano, garantindo desta maneira um trabalho eficaz com relação aos aspectos do contexto de produção, discursivos e linguísticos.

Para tanto, planejou-se a ampliação das ações do Programa Ler e Escrever e Aprender Sempre, materiais oferecidos pelo governo do Estado de São Paulo, incluindo experiências de diferentes fontes e de autoria, numa coletânea que priorizou a aprendizagem e a realidade dos estudantes do município.

As atividades aqui apresentadas foram pensadas para que o professor tenha acesso a uma coletânea que permita o desenvolvimento de uma sequência que possa o ajudar no processo ensino-aprendizagem dos gêneros previstos para o ano letivo, garantindo tanto a exploração do contexto de produção, aspecto discursivo (estrutura do texto, coerência e coesão) e linguísticos (ortografia, pontuação, entre outros).

Para a construção desse trabalho e verificação de sua eficácia de resultados (tanto práticos para aplicação, como de melhora no desenvolvimento da escrita), foi contactado um grupo de professores da Rede Municipal, que ministram aulas nos respectivos anos escolares do fundamental I, que organizaram e aplicaram as atividades aqui propostas durante o ano de 2021, constatando a viabilidade de aplicação e resultados positivos na aprendizagem dos alunos, articulados com o processo de desenvolvimento curricular.

Você, professor/a, está recebendo os resultados de um material articulado entre currículo, materiais didáticos que possui em sala de aula e textos que são fruto de pesquisa e estudo, trazendo propostas de atividades e orientações para o trabalho em sala de aula. Esperamos que essa coletânea, que foi elaborada com muita seriedade e compromisso, ofereça às escolas, professores e estudantes, subsídios para a realização de um bom trabalho!

SUELI DE MORAES TUON

SECRETÁRIA DA EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ITATIBA

Coletânea de atividades Contos de Assombração

**5º ano
2022**

Administração

Thomás Antonio Capeletto de Oliveira
Mauro Delforno

Secretária da Educação

Sueli de Moraes Tuon

Supervisora de Ensino responsável

Camila Polo da Nobrega

Professoras organizadoras:

Brigida Bredariol
Camila de Carvalho
Débora Aparecida Pereira
Eliana Maria Fattori Calza
Luciana Gotardo Canal
Milena Gava
Rafaela M. Dominici
Renata Correa Rocha
Vanessa Honório

Supervisoras de Ensino fundamental

Adriana Aparecida de Oliveira
Maria Elisabeth Tafarello Alves Siqueira
Marilsa Camilo da Silva
Rita Aparecida Netto Piffer
Vera Lúcia Máximo da Silva

Sequência didática – Conto de Assombração

1ª Etapa:

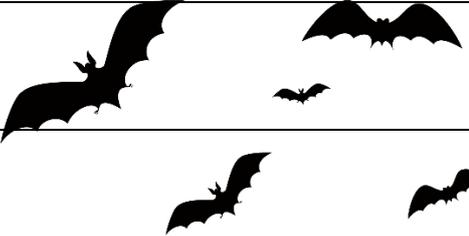
Nesta sequência didática você estudará, mais detalhadamente, o gênero Conto de Assombração.

Levantamento do conhecimento prévio - Oral

- A) Para vocês, o que é um conto de assombração?
- B) Quando ouvimos a palavra “assombração” em que pensamos?
- C) Quem são os leitores desse tipo de texto?
- D) Qual o objetivo desse gênero?
- E) Como é organizado o conto de assombração?
- F) Esse gênero é parecido com algum outro gênero que você conhece?
- G) Quais personagens geralmente aparecem neste gênero?
- H) Estas personagens podem aparecer em outro gênero textual?
- I) Para que é produzido este gênero?
- J) Você conhece alguma história “de arrepiar”? Qual?
- K) Sobre o que essas histórias geralmente falam?
- L) Como você teve contato com esse tipo de história (livro, filme, ouviu de alguém etc.)?
- M) Você gosta desse tipo de história? Por quê?

Resumo da convers

1- As histórias de “arrepiar” que minha turma conhece são:

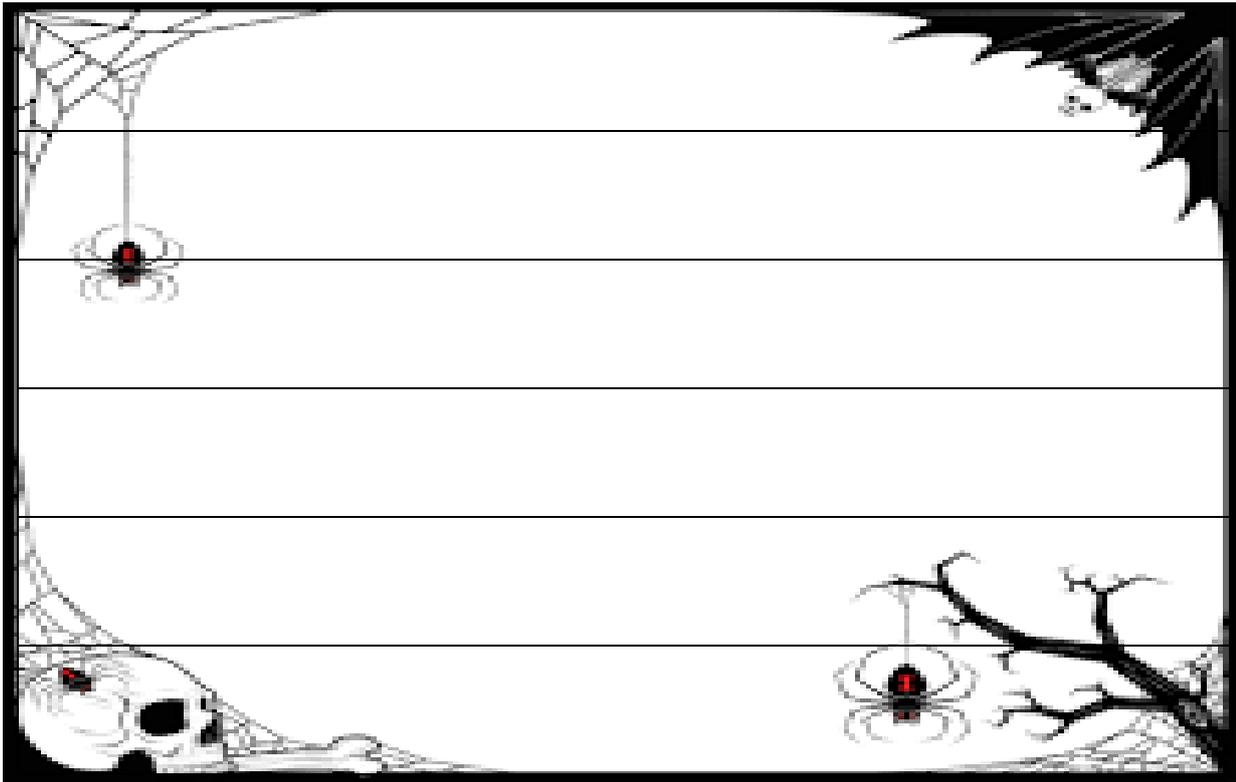
| | |
|--|--|
| |  |
| | |
| | |
| | |



2- Geralmente essas histórias falam sobre:



3- Quem gosta de histórias de arrepiar acha que elas são:



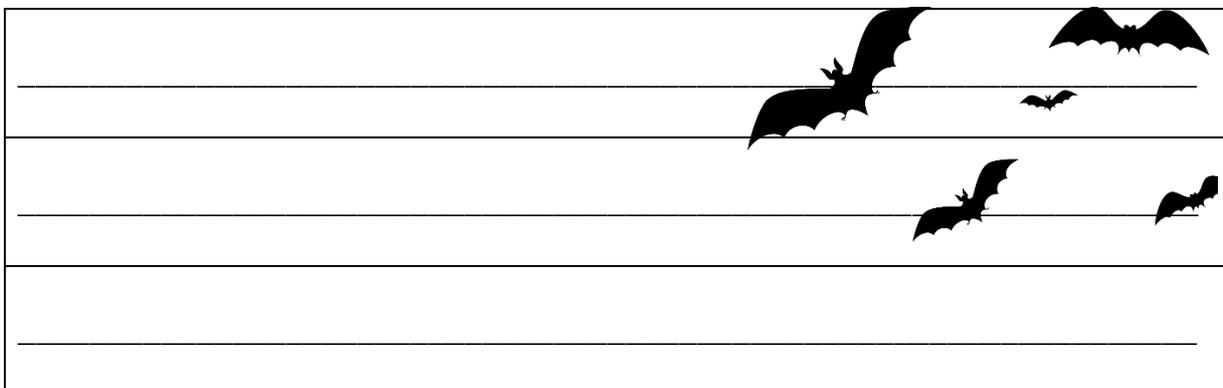
2ª Etapa

Compartilhando e organizando o projeto

Nesta atividade, o(a) professor(a) compartilhará com os(as) alunos(as) o projeto “Contos de Assombração” a ser realizado.

1. Pesquise o que são contos de assombração, anotando:

- Como, normalmente, é a marcação do tempo que se inicia a narrativa?
- Quais são as características comuns das personagens que aparecem neste tipo de conto?
- Quais são os lugares em que a narrativa acontece?
- Que tipo de vocabulário é comum nestas histórias?



3ª Etapa

Escola: _____

Nome: _____

Data: ____/____/____

PRODUÇÃO INICIAL – GÊNERO “Conto de Assombração” – 5º ANO

A coisa

A casa do avô de Alvinho era uma dessas casas antigas, grandes, que têm dois andares e mais um velho porão, onde a família guarda tudo que ninguém sabe bem se quer ou não quer.

Um dia Alvinho resolveu ir lá embaixo procurar uns patins que ele não sabia onde é que estavam. Pegou uma lanterna, porque as lâmpadas do porão estavam queimadas, e foi descendo as escadas com cuidado.

No que foi, voltou aos berros:

– Fantasma! Uma coisa horrível! Um monstro de cabelo vermelho e uma luz medonha saindo da barriga.

Ninguém acreditou, está claro! Onde é que já se viu monstro com luz saindo da barriga? Nem em filme de guerra nas estrelas!

Então o vovô foi ver o que havia. E voltou correndo, como o Alvinho.

– A Coisa! - ele gritava. – A Coisa! É pavorosa! Muito alta, com os olhos brilhantes, como se fossem de vidro! E na cabeça uns tufos espetados pra todos os lados!

Nessa altura a família toda começou a acreditar. E tio Gumercindo resolveu investigar. E voltou, como os outros, correndo e gritando:

– A Coisa! É uma Coisa! Com uma cabeça muito grande, um fogo na boca. É muito horrorosa!

O Alvinho já estava roendo as unhas de tanto medo. Dona Julinha, a avó de Alvinho, era a única que não estava impressionada.

– Deixa de bobagem, Alvinho. Pra que este medo? Fantasmas não existem!

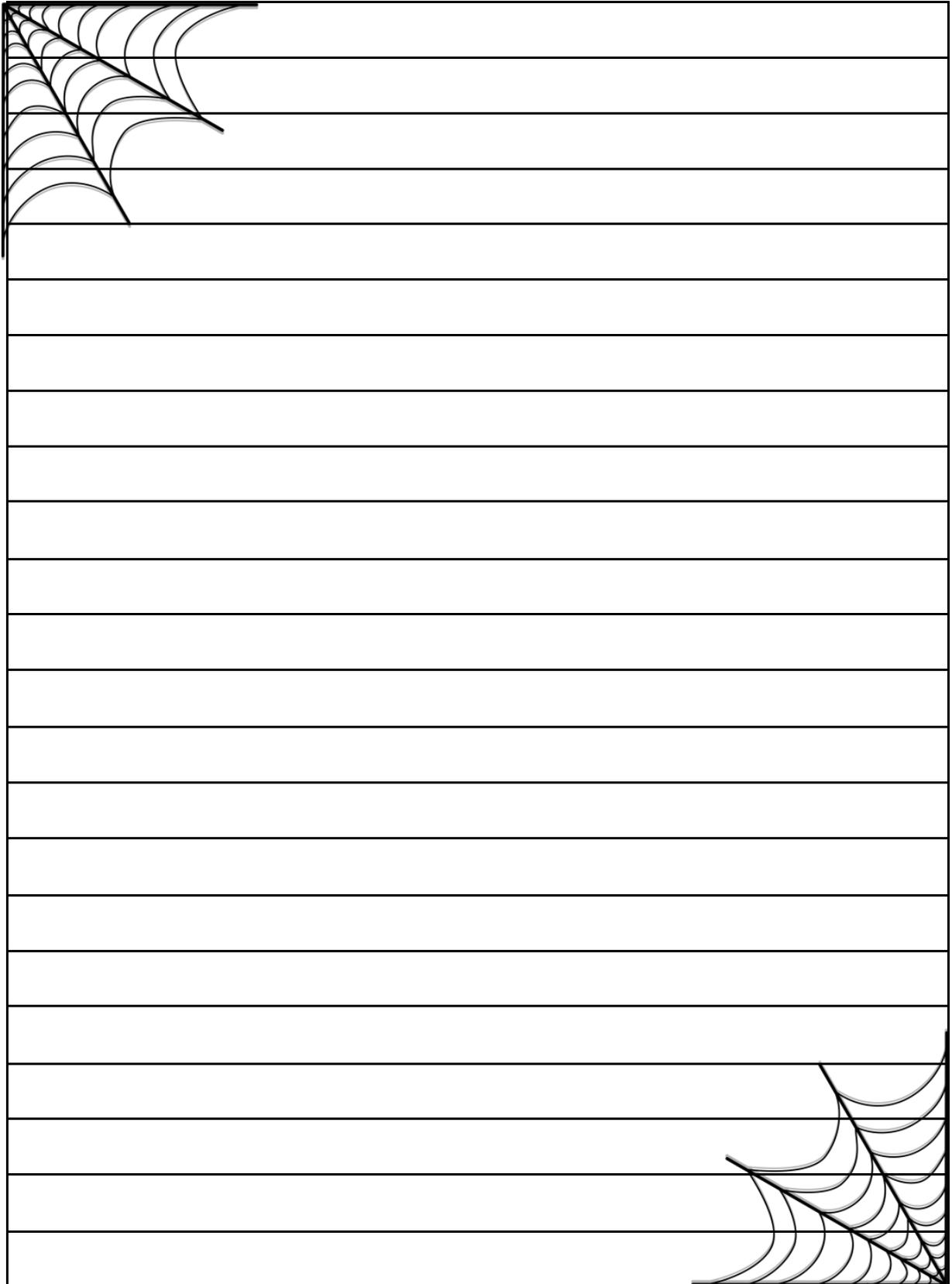
– Mas o meu existe! – disse Alvinho.

– Tá bem, tá bem, eu vou! – disse Dona Julinha. - Eu vou ver o que há...



Texto retirado do livro “As Aventuras de Alvinho”, Ruth Rocha, ed. Melhoramentos.

Continue a história abaixo e lembre-se que, por ser um Conto de Assombração, você deverá criar momentos emocionantes, que prendam a atenção do leitor e um desfecho interessante para a sua história.



Atividades a serem desenvolvidas

1ª Atividade

Leia o texto com o seu professor:

Texto 1-Teimosia



Fonte: <https://br.freepik.com/search?dates=any&format=search7page=1&query=florista%20&selection=1&sort=popular&type=vector>. Acesso em: 28 out. 2020.

Eu sempre fui alguém levada, teimosa e birrenta. Desde pequena, eu gostava de brincar com tintas e claro, muita bagunça e lambança. Minha mãe às vezes ficava maluca ao ver as coisas que eu fazia, quando, por exemplo, eu tirei terra do vaso e espalhei pelo quintal com as minhas bonecas, fingindo que elas estavam saindo de uma guerra. Mas o tempo passa, e já com dez anos eu comecei a desobedecer aos mais velhos, principalmente quando pediam que eu fizesse coisas das quais eu não gostava. Não foi à toa que eu era repreendida exaustivamente pela minha mãe, Joana, e de vez em quando por meu pai, João, cuja presença em casa era diminuta, visto que ele trabalhava a maior parte do tempo para nos alimentar.

Independente das broncas, a realidade era que eu jamais parei de ser teimosa até os doze anos, quando finalmente meu irmão Lucas nasceu e eu me tornei um tipo de guardiã, carregando-o para cima e para baixo enquanto nossa mãe cuidava de casa. Em Rio Branco, no Acre, as casas eram muito longe uma das outras, e para buscarmos alguns mantimentos, tínhamos que atravessar um caminho de barro cercado de mato. Pelo menos uma vez por semana, lá ia eu com meu irmão no colo para pegarmos os mantimentos e retornarmos logo depois.

Seguindo a cansativa rotina, houve um dia em que eu e Lucas tivemos que buscar um bolo de milho que Dona Chica, do vilarejo, tinha prometido para nossa mãe. O sol já estava se pondo quando estávamos no meio do caminho, mas caminhar no escuro é algo que qualquer pessoa caipira se acostuma, e não seria motivo de deixarmos de comer aquele delicioso bolo. Com Lucas em mãos, cheguei ao vilarejo e peguei a marmita com Dona Chica, uma senhora com mais de setenta anos que adorava cozinhar guloseimas de todos os tipos, que pediu para que eu não abrisse o pote de bolo até que tivéssemos chegado em casa. Independente do aviso, o cheiro era tão delicioso a ponto de eu ter que abrir e comer rapidamente uma lasca úmida.

E novamente minha teimosia foi motivo para que eu fosse repreendida.

— Já tinha ouvido que você era teimosa, mas não desse jeito, menina! Você

não respeita os mais velhos, não ouve seus pais, é egoísta! Ah, eu já sei o que fazer com você! – Enquanto falava, Dona Chica desapareceu na escuridão de sua sala e então um rosnado grave passou a ecoar pela casa, como se cães estivessem juntos a ela.

Dona Chica, do meio das sombras, surgiu com o rosto deformado, revelando muitas presas e segurando em sua mão uma guia ligada a uma coleira, que por sua vez flutuava no ar, como se estivesse segurando algo invisível.

— Vou te dar apenas esse recado, menina, pois eu sou a Senhora dos Cães! E é melhor que corra, pois eu enviarei o mais obediente dos meus cães, o Cão dos Indecentes, pois você só aprenderá com uma lição inesquecível!

Em meio àquela situação, Lucas começou a chorar e eu, abalada por ver tamanha monstruosidade, só consegui sair correndo sob o céu coberto por nuvens escuras, seguindo pelo caminho de barro enquanto ouvia o rosnado de um cão atrás de mim. Naquele horário, por algum motivo, não havia mais pessoas, nem mesmo o sinal de animais.

O vento que atravessava o matagal se fortificou. Em desespero, eu pedi perdão por ter sido desobediente e segui pelo caminho, olhando de um lado para outro. Foi quando eu ouvi um rugido e, ao olhar para frente, lá estava um cachorro grande e preto, rosnando e mostrando dentes afiados. Seus olhos brilhavam em carmesim quando ele abaixou a cabeça, aproximando-se lentamente de mim e de Lucas. Tremendo, eu recuei lentamente, mas à medida que eu me distanciava, o cachorro também avançava. Comecei a perceber que quanto mais ele mostrava os dentes, mais a boca se abria, como se estivesse sendo rasgada dos lados para comportar tamanha quantidade de dentes, uns sobre os outros. Os olhos até então avermelhados foram tomados pela cor preta e após uivar, uma sombra saiu de suas patas e se lançou em todas as direções, paralisando meus pés. Eu pedi misericórdia e implorei para que nada acontecesse comigo e com meu irmão. O cão então ficou sobre as duas patas e de seu peito saiu mais uma boca, revelando caninos tão afiados quanto os da boca original. Verti lágrimas de horror e me lembrei da transformação de Dona Chica, afinal, o que seria a Senhora dos Cães?

Resoluta, abaixei minha cabeça e pedi perdão dezenas de vezes. Cobri os olhos de Lucas, que permanecia chorando e me mantive firme diante do cão. As patas dele sobre a terra pareciam propagar o som de batidas de um martelo contra um prego. Eu sentia sua presença cada vez mais próxima e, quando percebi, seu rosto já estava rente ao meu. Era possível sentir o hálito ácido e fétido, como se sua boca fosse o próprio bueiro, e ouvir o som da sua ira.

— Você é uma criança teimosa, e pessoas teimosas não costumam se dar bem. Eu vim direto das sombras, dos recônditos do lar daqueles que desobedeceram às regras da vida, e te encontrei desobedecendo a um pedido de alguém sábio. Mas sua esperteza parece se destacar em meio a tanta soberba, não é mesmo? Acha-se dona de tudo e de todos. Acha que seus atos não possuem consequências. Hoje, será somente um aviso, em respeito ao teu irmão, que ainda não tem discernimento e está nos braços de alguém inconsequente. Mas, Marina, da próxima vez eu te trarei muito mais do que o mais puro e aterrorizante medo.

Da próxima vez, você terá que arcar com as consequências com o mesmo peso da sua desobediência. Siga em frente, e lembre-se que eu sempre estarei te olhando, seja nas ruas, seja em casa e, quando eu não estiver, saiba que haverá outros em meu lugar.

Terminando de falar, ele rugiu no meu rosto, fazendo com que até mesmo minhas lágrimas chegassem ao ponto de congelar. Desesperada, eu vi o corpo do cão desaparecer como fumaça, e segui andando em linha reta. Meu corpo tremia e Lucas não mais chorava. Foi pouco a pouco que chegamos em casa e entregamos o bolo para minha mãe, que me percebeu pálida. Eu poderia contar o que aconteceu, mas preferi dizer que tudo estava bem, principalmente ao ver a imagem de Dona Chica cercada de cães no meio das árvores para além da nossa propriedade.



“Sabe quem sou eu, menina? Na verdade, acho que é melhor você não entender quem é a Senhora dos Cães...”, ouvi sua voz em pensamento, deixando o pedaço de bolo cair de minhas mãos.

Fonte: Adaptado de https://br.freepik.com/vetores-gratis/um-garoto-assusta-fantasma_4543691.htm. Acesso em: 27 out. 2020.

Texto 2- O BICHO-HOMEM

Danilo de Almeida da Silva

Vovó Juvenalia sempre foi uma mulher peculiar. E eu, bom, eu nunca prestei muita atenção nisso. A única coisa que me importava era estar na companhia dela para brincar, cantar e ouvir histórias. Sobre esse último, por mais que eu fosse criança, Juvenalia jamais me poupou das lendas de sua terra natal, Itacarambi, em Minas Gerais, geralmente, ou melhor, quase sempre norteadas por acontecimentos sobrenaturais, confusos e inexplicáveis, mas que faziam algum sentido para os mais velhos, inclusive para minha mãe Maria.

Em uma dessas ocasiões, tão logo o sol se pôs em uma aquarela de cores quentes, não demorou muito para que a família se reunisse para saborear um delicioso arroz com frango, feijão, mandioca cozida e, de sobremesa, doce de abóbora, para que no fim restassem somente eu e minha vó fora da casa, sentados em um banco de cimento batido, observando as estrelas cintilarem no céu destituído de nuvens, como se de alguma maneira o tempo tivesse parado para nos contemplar. Foi naquele instante que ela tirou suas sandálias e passou a planta dos pés no chão, brincando com as graminhas que saíam dentre os vãos da calçada, por mais que tal comportamento não fosse lá muito higiênico. Suspirando, ela sorveu o ar fresco com cheirinho de terra e mato molhado, e segurou meu ombro bem forte.

— Sabe, Camilo, essa noite, desse jeito: fria e silenciosa; me faz lembrar de quando eu morava lá em Itacarambi, com meus pais. Minha mãe sempre pediu para que a gente não saísse à noite, porque tem muitas coisas misteriosas que andam por aí e a gente nem sabe o que é. E teve uma criatura com a qual me encontrei, que me dá calafrios até hoje.

— Você pode me contar, vó?

— Sim, mas peço que não tenha medo. O que eu irei contar foi meu encontro com uma criatura assombrosa... o bicho-homem.

— Eu não terei medo... — confirmei, cruzando as pernas sobre o banco enquanto ela tirava um pedaço de papel do bolso, onde estava desenhada uma figura alta e peluda, de olhos vermelhos.

— Tudo começou numa madrugada fria. Minha mãe tinha acabado de fazer o

jantar e, como de costume, meu pai chegou cedo, trazendo uma trouxa com a mistura do outro dia. Logo depois de comer, minha mãe fechou a porta e as janelas, e deixou um pouco de comida para os cachorros que ficavam lá fora. Eles eram dois: Tonin e Junin, dois vira-latas, um idoso e o outro mais jovem. Em seguida, cada um foi pro seu quarto e nos deitamos para dormir. Porém, ninguém esperava que aquela noite fosse a mais assombrosa de nossas vidas. Não me contendo de tanta ansiedade, a interrompi imediatamente sem que ela ao menos pudesse concluir:

— Por que vovó, o que houve? Ela, respirou profundamente como se aquela lembrança lhe causasse algum desconforto, mas prosseguiu:

— Com um estrondo tão alto quanto um trovão, nossa porta foi esmurrada por alguém, fazendo com que parte da dobradiça entortasse. Minha mãe, Joana, e meu pai, João, pensaram que fosse um ladrão ou algo do tipo. Mas junto com as batidas, um ruído estranho veio da porta, como se alguém estivesse se engasgando, emitindo um som gurgulante e maligno.

— Num ímpeto, meu pai pegou a peixeira para nos defender, mas minha mãe não deixou que ele abrisse a porta. Em vez disso, nós ficamos em silêncio até que as batidas parassem, mas, logo depois, elas recomeçaram, agora, nas janelas. Apesar das tentativas de invasão, o que mais trazia angústia era cogitar que algo de ruim acontecesse com nossos cachorros, que ao perceberem a ameaça, não pararam de latir sequer por um segundo. Mas meu pai, que era corajoso, e não ia deixar que nada de ruim acontecesse com a gente. Por isso, ele desobedeceu a minha mãe e saiu.

— Quando a porta estava aberta, mamãe me segurou no colo e pediu para que eu ficasse calada. E como se fôssemos sombras, esgueiramos a parede, quando de repente vimos papai de frente para algo terrivelmente assustador: uma criatura alta, de braços e pernas rígidas como se não tivesse juntas, de olhos grandes e vermelhos; a pele toda coberta de pelos marrons e orelhas pontiagudas, estendendo as mãos grandes e com unhas longas e afiadas. Nesse momento, percorreu-me um calafrio pelo corpo todo como se alguém estivesse nos observando, porém tentei manter a calma, para que vovó continuasse:

— Ao olharmos para o vão, vimos que somente Junin, o cão mais jovem, estava latindo a um gemido de lamento, pois Tonin, o cão mais velho, encontrava-se desfalecido no chão, aparentemente ferido pela criatura. Enquanto meu pai se posicionava para enfrentar o bicho, Junin avançou e tentou morder as pernas do monstro. Porém, antes que pudesse feri-lo, o cachorro mais novo também foi atingido pelas mãos, ou melhor, pelas unhas da criatura, que se alongaram como se fossem agulhas afiadas, jogando-o para o lado. Meu pai, desorientado, empunhou a peixeira e preparou-se para contra-atacar. Minha mãe, porém, largou-me no chão e gritou, pedindo para que João recuasse. Meu pai, claramente nervoso, verteu lágrimas ao ver seus cachorros daquela maneira, mas mesmo assim atendeu ao pedido de Joana.

— Parado, o bicho-homem abriu um sorriso, revelando centenas de dentes pontiagudos, como se estivesse feliz por tudo o que havia feito. Todavia, em vez de continuar com as investidas, ele simplesmente virou de costas e começou a ir embora, deixando pegadas escuras no chão, e rodeadas de pelos, até desaparecer no meio da mata.

Muitas perguntas passavam a minha mente nesse momento:

— E agora vovó, o que aconteceu? Ele foi embora? O que ele queria?

— Ninguém entendeu ao certo o que havia acontecido, mas minha mãe, que em algum momento da vida enfrentara o bicho-homem, tratou de esclarecer que ele fora um escravo que morrera nas matas e que, salvo pela natureza, foi transformado em uma criatura perigosa, cuja missão era expulsar aqueles que ousaram construir casas onde só deveria haver a mais pura natureza.

— Desde aquele dia, Camilo, sempre que eu sinto esse cheiro de mato, lembro daquela figura e de quão assombrosa ela era. Esse desenho aqui — ela me entregou o papel —, eu fiz um dia depois do acontecido e sempre guardei comigo para me lembrar que há mais coisas entre o céu e a terra do que as coisas que, de fato, conhecemos.

— Mas, Vó, você viu o bicho-homem de novo depois que ele atacou a casa?

— Nunca mais. Mas dizem que ele anda por aí protegendo as matas. E de alguma maneira, é questão de tempo para que qualquer um que tenha invadido um pedaço esquecido da natureza se encontre com ele. Mas, acho que já chega. Vamos entrar.

Ao entrarmos, Juvenalia fechou a porta e começamos a nos arrumar para dormir.

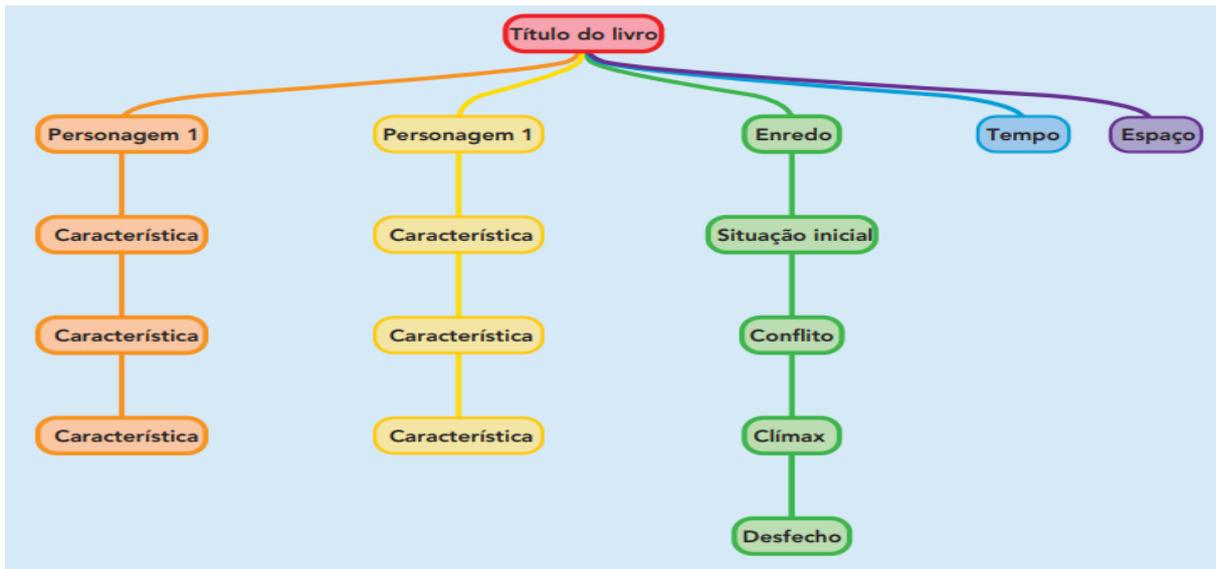
Observando o desenho, fiquei imaginando como seria ver uma criatura tão imponente, corpulenta e maligna. E em um estado de quase sono, mal fechei os olhos e fui acordado por algumas batidas na porta. Meu coração, de prontidão, acelerou e minha garganta secou, por alguns instantes fiquei paralisado de medo. Aos poucos, desci da cama, abri a porta do quarto e lentamente fui caminhando em direção à entrada da casa.

Entrando na casa, meu Tio Cláudio foi recepcionado por minha vó. No entanto, apesar de ser ele, como a porta ainda estava aberta, eu consegui enxergar uma figura alta, de olhos vermelhos, saindo do matagal do outro lado da rua, a qual abriu um largo e maligno sorriso do qual eu jamais me esqueci.

2ª Atividade

Atividade 3B do livro Ler e Escrever - Contos de Assombração - CONSTRUINDO ESQUEMAS GRÁFICOS

1. Na atividade 3B, você irá estudar como os contos de assombração são organizados e quais recursos que o autor utiliza. Retome, em parceria com seu(sua) professor(a), a leitura do texto “Teimosia”. Analise-o, considerando personagens, enredo, tempo, conflito, desfecho e finalização do conto, utilizando o exemplo de esquema a seguir.



2. Construa um esquema gráfico, em parceria com seu(sua) professor(a), contendo as informações relevantes do texto "Teimosia". Utilize o espaço abaixo.

3ª Atividade

Atividade 3C do livro Ler e Escrever - Contos de Assombração – COMPARANDO CONTOS DE ASSOMBRAÇÃO

1. Para realizar esta atividade, você lerá novamente, em dupla, os contos anteriormente trabalhados em sala de aula. Juntos(as), procurem descobrir o que eles têm em comum e o que têm de diferente. A seguir, organizem, no quadro abaixo, as informações levantadas

| QUADRO COMPARATIVO DOS DOIS CONTOS | | |
|--|---------|---------|
| | CONTO 1 | CONTO 2 |
| Qual é o enredo do texto? | | |
| Onde e quando a história se passa? | | |
| Quem são as personagens? | | |
| O narrador participa da história ou observa os fatos? Justifique com trechos do texto. | | |
| Qual é o conflito da história? Como ele é resolvido | | |
| Como termina? | | |
| Que outra sugestão você daria para o final da história? | | |

2. Após analisar os textos, escolha, junto com o(a) seu(sua) colega, um dos contos apresentados pelo(a) professor(a) na atividade anterior. Escreva, nas linhas abaixo, o parágrafo original com o desfecho original do conto escolhido.

3. Agora, escreva, em dupla, um final diferente para o conto escolhido.

4. Releiam, em dupla, o que escreveram e façam a revisão do texto.

4ª Atividade

Atividade 3D do livro *Ler e Escrever - Contos de Assombração – AMPLIANDO O REPERTÓRIO*

1. Após a leitura dos contos, analise, em parceria com seu(sua) professor(a), os recursos que o autor utilizou para a construção dos textos, com o fim de criar suspense, tornar as histórias assombrosas, descrever as personagens, a ambientação e marcar o tempo.

2. Após a análise, registre os aspectos indicados no quadro.

| QUADRO DE ANÁLISE DOS RECURSOS USADOS PELOS AUTORES | | |
|--|----------------|----------------|
| | Conto 1 | Conto 2 |
| Recursos usados para criar suspense | | |
| Recursos usados para assustar | | |
| Recursos usados para a descrição das personagens | | |

| | | |
|---|--|--|
| Recursos usados para a descrição do ambiente | | |
| Recursos usados para marcar o tempo | | |

5ª Atividade

1. Leia o texto abaixo.

A lição da caveira

Há muito tempo, numa noite sem lua, ia um homem por uma estrada deserta e assombrosa. Nela havia um cemitério muito velho. Tão velho e maltratado que algumas ossadas estavam até à mostra, dando ao lugar um aspecto assustador.

Quando o homem passou pelo dito cemitério, avistou uma caveira quase à beira do caminho. Teve uma ideia sem ver nem pra quê: resolveu testar sua coragem diante do sobrenatural. Aproximou-se e, agachando-se, deu uma pancadinha com o nó do dedo no crânio alvo, perguntando, em tom de brincadeira:

- Caveira, quem a matou?

Como era de se esperar, não ouviu nenhuma resposta. Mas ele continuou com o gracejo:

- Caveira, quem a matou?

Nada outra vez. Então ele a apanhou, levou à altura do rosto e, dando vigorosas sacudidas, repetiu a pergunta.

Dessa vez, porém, foi diferente. Movendo a queixada esbranquiçada, a caveira lhe respondeu num tom soturno:

- Foi minha lííííínguaaa!



Flávio Morais. Trecho extraído do livro: Sete contos de arrepiar. Rio de Janeiro. Rocco, 2006. p. 12-15.

Trocando informações sobre o texto

2. Releia o texto e responda às questões abaixo:

a) Qual o título do texto?

b) Qual palavra deste título indica que o conto é de assombração?

c) No primeiro parágrafo, aparecem algumas palavras e expressões de arrepiar. Sublinhe-as e, depois, copie-as.

d) Você percebeu que o personagem principal da história não tem nome? Que nome você daria para ele?

e) Na sua opinião, o que vai acontecer com o homem da história? Por quê?

6ª Atividade

Aprendendo e compreendendo

Leia o texto com o seu professor e depois responda às questões.

A coisa

A casa do avô de Alvinho era uma dessas casas antigas, grandes, que têm dois andares e mais um velho porão, onde a família guarda tudo que ninguém sabe bem se quer ou não quer.

Um dia Alvinho resolveu ir lá embaixo procurar uns patins que ele não sabia onde é que estavam. Pegou uma lanterna, porque as lâmpadas do porão estavam queimadas, e foi descendo as escadas com cuidado.

No que foi, voltou aos berros:

– Fantasma! Uma coisa horrível! Um monstro de cabelo vermelho e uma luz medonha saindo da barriga.

Ninguém acreditou, está claro! Onde é que já se viu monstro com luz saindo da barriga? Nem em filme de guerra nas estrelas!

Então o vovô foi ver o que havia. E voltou correndo, como o Alvinho.

– A Coisa! - ele gritava. – A Coisa! É pavorosa! Muito alta, com os olhos brilhantes, como se fossem de vidro! E na cabeça uns tufos espetados pra todos os lados!

Nessa altura a família toda começou a acreditar. E tio Gumercindo resolveu investigar. E voltou, como os outros, correndo e gritando:

– A Coisa! É uma Coisa! Com uma cabeça muito grande, um fogo na boca. É muito horrorosa!

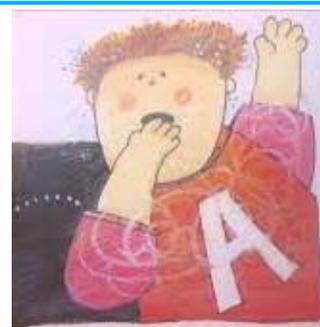
O Alvinho já estava roendo as unhas de tanto medo. Dona Julinha, a avó de Alvinho, era a única que não estava impressionada.

– Deixa de bobagem, Alvinho. Pra que este medo? Fantasmas não existem!

– Mas o meu existe! – disse Alvinho.

– Tá bem, tá bem, eu vou – disse Dona Julinha. Eu vou ver o que há...

E Dona Julinha foi tirar a limpo o que estava acontecendo. Foi descendo as



escadas devagar, abrindo as janelas que encontrava.

A família veio toda atrás, assustada, morrendo de medo do monstro, fantasma, alma penada, fosse ele o que fosse. Até que chegaram lá embaixo e Dona Julinha abriu a última janela.

Então todos começaram a rir, muito envergonhados.

A Coisa era... um espelho!

Dona Julinha tinha levado o espelho para baixo e tinha coberto com um lençol (Dona Julinha não tinha medo de fantasmas, mas tinha medo de raios...).

Um dia o lençol se desprendeu e caiu e se transformou na... Coisa...

Cada um que descia as escadas, no escuro, via uma coisa diferente no espelho. E todos eles pensavam que tinham visto... a Coisa.

A Coisa eram eles mesmos!

Não ria, não! Você já reparou como um espelho no escuro é esquisito?

Texto retirado do livro "As Aventuras de Alvinho", Ruth Rocha, ed. Melhoramentos.

1) O que a família de Alvinho guardava no porão?

2) Por que Alvinho pegou uma lanterna? O que ele queria fazer?

3) O que Alvinho pensou ter visto no porão?

4) Qual era a única pessoa da família que não ficou impressionada com o que havia no porão?

5) O que era na verdade "A Coisa" que assustava a todos?

7ª Atividade

Um dicionário de arrepiar

Vamos montar um dicionário de arrepiar, reunindo as palavras e expressões que encontrarmos nos contos que vamos ler e nas pesquisas que iremos fazer?

A ideia é que cada um da turma tenha um caderno cheio de palavras de arrepiar, organizadas como num dicionário e acompanhadas de outras palavras que tenham sentido semelhante a elas ou uma explicação sobre o que significam.

A ordem das palavras nos dicionários

Com o objetivo de organizar e facilitar a procura pelas palavras nos dicionários, elas são colocadas em ordem alfabética. Portanto, faremos uso dessa organização para o dicionário da nossa turma!

Copie na coluna da esquerda as palavras e expressões de arrear que você for encontrando nos textos. Quando a coluna estiver preenchida coloque-as em ordem alfabética na coluna da direita.

| Palavras e expressões de arrear. | Palavras e expressões de arrear em ordem alfabética. |
|---|---|
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |

Observações

Verifique que os dicionários precisam levar em conta não só a primeira letra das palavras, mas também organizar as palavras de acordo com a ordem da segunda, terceira e até quarta letra.

8ª Atividade

Desembaralhando os parágrafos em duplas

O texto abaixo já foi utilizado por você em uma etapa anterior, porém, agora ele está embaralhado, para que você teste seus conhecimentos sobre a estrutura do conto de assombração.

Para isso, recorte as tiras e, sem olhar a história lida, coloque-as em ordem, colando-as na folha a seguir.

✂

Dessa vez, porém, foi diferente. Movendo a queixada esbranquiçada, a caveira lhe respondeu num tom soturno:
- Foi minha líiiiiínguaaa!

✂

A lição da caveira

✂

Quando o homem passou pelo dito cemitério, avistou uma caveira quase à beira do caminho. Teve uma ideia sem ver nem pra quê: resolveu testar sua coragem diante do sobrenatural. Aproximou-se e, agachando-se, deu uma pancadinha com o nó do dedo no crânio alvo, perguntando, em tom de brincadeira:
- Caveira, quem a matou?

✂

Como era de se esperar, não ouviu nenhuma resposta. Mas ele continuou com o gracejo:
- Caveira, quem a matou?
Nada outra vez. Então ele a apanhou, levou à altura do rosto e, dando vigorosas sacudidas, repetiu a pergunta.

✂

Há muito tempo, numa noite sem lua, ia um homem por uma estrada deserta e sombria. Nela havia um cemitério muito velho. Tão velho e maltratado que algumas ossadas estavam até à mostra, dando ao lugar um aspecto assustador.

Agora, você e seu(sua) parceiro(a) lerão o texto colocado em ordem e verificarão se ficou compreensível. Se não estiver, mude a ordem das partes até que o texto fique com sentido. Depois de acertar a ordem, cole as tiras no caderno de português.

9ª Atividade

Produzindo uma história diferente

Retome a história da atividade anterior. O segundo parágrafo informa que o homem encontrou uma caveira, mas mudaremos este trecho!

Em dupla, imaginem que ele tenha encontrado algo diferente, mas que ainda assim seja de arrepiar!!! Portanto, continuem a história, substituindo “a caveira” pelo que vocês imaginaram.(...)

Quando o homem passou pelo dito cemitério, avistou _____

Com a modificação que você e seu parceiro fizeram, o título do conto precisa ser modificado, não é? Escreva, abaixo, o título que vocês consideram mais adequado para o parágrafo que criaram.

10ª Atividade

Vamos continuar a ler “A lição da caveira”, um dos contos de arrepiar escrito por Flávio Morais. Será que o homem ficou muito assustado com a fala da caveira? O que será que aconteceu?

Por aquilo o homem não esperava. Tomado pelo pavor, largou imediatamente o macabro objeto e afastou-se impressionado com o que acontecera. Beliscou-se. Não estava louco; nem sonhando. A caveira realmente havia falado. Tinha certeza daquilo. Olhou para trás e a avistou. Parecia encará-lo com aqueles enormes buracos escuros. Um arrepio percorreu-lhe a espinha. Caminhou o resto da noite até que, ao amanhecer, chegou a um lugarejo.

Você percebeu que a história continua mantendo o suspense? O leitor, a cada trecho, fica mais curioso...

Lembre-se de que o título do conto é “A lição da caveira”. Que lição será essa? O que será que aconteceu, afinal?

11ª Atividade

Pensando nos sentidos das palavras

1- Analise a frase abaixo.

a) “Tomado pelo pavor, largou imediatamente o **macabro** objeto e afastou-se[...] Qual a palavra, do quadro abaixo, poderia substituir a que está em destaque na frase? Reescreva-a utilizando a palavra escolhida.

curioso - assustador - horrível - engraçado - terrível - impressionante - atraente.

b) “Olhou para trás e a **avistou**.”

Qual a palavra, do quadro abaixo, poderia substituir a que está em destaque na frase? Reescreva-a utilizando a palavra escolhida.

vê - viu - verá - chamou - conheceu - encontrou.

2- Agora, escreva nos espaços em branco as palavras da lista que podem substituir o que aparece no texto original sem alterar o sentido.

Por aquilo o homem não esperava. _____, largou imediatamente o macabro objeto e afastou-se _____ com o que acontecera. Beliscou-se. Não estava _____; nem sonhando. A caveira realmente havia falado. Tinha certeza daquilo. Olhou para trás e a avistou. Parecia encará-lo com aqueles enormes buracos escuros. Um _____ percorreu-lhe a espinha. Caminhou o resto da noite até que, o amanhecer, chegou a um _____.

maluco – apavorado – vilarejo – Assustado - calafrio

12ª Atividade

Conhecendo o final da história

A LIÇÃO DA CAVEIRA

Há muito tempo, numa noite sem lua, ia um homem por uma estrada deserta e sombria. Nela havia um cemitério muito velho. Tão velho e maltratado que algumas ossadas estavam até à mostra, dando ao lugar um aspecto assustador.

Quando o homem passou pelo dito cemitério, avistou uma caveira quase à beira do caminho. Teve uma ideia sem ver nem pra quê: resolveu testar sua coragem diante do sobrenatural. Aproximou-se e, agachando-se, deu uma pancadinha com o nó do dedo no crânio alvo, perguntando, em tom de brincadeira:

- Caveira, quem a matou?

Como era de se esperar, não ouviu nenhuma resposta. Mas ele continuou com o gracejo:

- Caveira, quem a matou? – Nada outra vez. Então ele a apanhou, levou à altura do rosto e, dando vigorosas sacudidas, repetiu a pergunta.

Dessa vez, porém, foi diferente. Movendo a queixada esbranquiçada, a caveira lhe respondeu num tom soturno:

- Foi minha líiiiiínguaaa!

Por aquilo o homem não esperava. Tomado pelo pavor, largou imediatamente o macabro objeto e afastou-se impressionado com o que acontecera. Beliscou-se. Não estava louco; nem sonhando. A caveira realmente havia falado. Tinha certeza daquilo. Olhou para trás e a avistou. Parecia encará-lo com aqueles enormes buracos escuros. Um arrepio percorreu-lhe a espinha. Caminhou o resto da noite até que, o amanhecer, chegou a um lugarejo.

Casebres espalhados, velhos e malcuidados; parecia que a vilazinha havia parado no tempo, imersa numa atmosfera estranha. Naquela hora da manhã as pessoas começaram a sair das casas para os seus afazeres diários. Ao notarem a presença do desconhecido, dele se aproximaram, cheios de curiosidade.

Pois bem. Mal abriu a boca foi ele logo dizendo que tinha ouvido uma caveira falar no velho cemitério. E o povo dali, muito influenciável, tornou aquilo a principal notícia do dia. Tão impressionados ficaram que, certa manhã, formando uma pequena multidão, foram pedir ao forasteiro que os levasse ao cemitério e repetisse a façanha.

O homem, satisfeito com a fama que havia adquirido no seio daquele povo simples e ingênuo que o tinha como um santo milagroso, e crente de que conseguiria repetir o estranho feito, aceitou o pedido da comitiva. Partiram, então, imediatamente para o lugar onde ocorrera o fenômeno.

Era mais de meio-dia quando chegaram ao local.

Ali o forasteiro organizou todo o povo em círculo, no meio do cemitério. Apanhou a mesma caveira que havia largado dias antes e, para impressionar a excitada plateia, gritou com uma voz rouca e profunda.

- Caveira, quem a matou?

Nada.

- Caveira, quem a matou? – repetiu.

Outra vez, nenhuma resposta. O povo, inquieto, começou a se rebelar e o

homem, já nervoso, explicou que antes a caveira só lhe respondera quando havia feito a pergunta pela terceira vez. Todos, então, se acalmaram aguardando cheios de expectativas. Já suado e nervoso, tornou a gritar:

- Vamos, caveira, responda para esta gente! Quem a matou?

Mais uma vez, porém, o silêncio foi a resposta.

Dessa vez um silêncio mortal. O homem percebeu, assustado, a multidão que se sentiu ludibriada caminhar em sua direção. Olhos vidrados, expressão furiosa nos rostos, andavam lentamente, como uma turba de mortos-vivos. Pegavam o que podiam no chão: paus, pedras, restos de cruzeiros, ossos. Enquanto fechavam o cerco em redor do assombrado estranho, esbravejavam, em coro, chamando-o de mentiroso, embusteiro e enganador.

O povo enfurecido parecia dominado por alguma força sobrenatural. Usando os objetos como armas, investiu contra o forasteiro. Foi um massacre. Nada deteve a multidão, que, a cada súplica do infeliz, parecia mais revoltada.

Depois do ataque, cada agressor retirou-se do local. Lá abandonaram aos abutres o corpo do forasteiro.

Quando, ao cair do sol, o local voltou a ficar deserto e silencioso, a caveira, então, soltou uma estridente gargalhada e disse:

- Eu não falei que a língua matava?

Flávio Moraes. Em: "Sete contos de arrepiar".

Qual é a lição da caveira?

O que você achou da lição da caveira? Foi surpreendente ou você já esperava um desfecho como este?

Afinal de contas, qual é a lição da caveira?

Dicionário de arrepiar

Das palavras de arrepiar que você sublinhou durante a leitura feita pelo professor, copie em seu dicionário aquelas que ainda não estão lá.

13ª Atividade

Conhecendo mais um conto

Conhecendo um pouco mais sobre o gênero. Acompanhe a leitura do professor (a) e responda às questões.

O MÉDICO FANTASMA

Esta história tem sido contada de pai para filho na cidade de Belém do Pará. Tudo começou numa noite de lua cheia de um sábado de verão.

Dois garotos conversavam sentados na varanda da casa de um deles.

— Você acredita em fantasma? — perguntou o mais novo.

— Eu não! — disse o outro.

— Acredita sim! — insistiu o mais novo.

— Pode apostar que não — replicou o outro.



— Tudo bem. Aposto minha bola de futebol que você não tem coragem de entrar no cemitério à noite.

— Ah, é? — disse o garoto que fora desafiado. Pois então vamos já para o cemitério, que eu vou provar minha coragem.

Assim, os dois garotos foram até a rua do cemitério. O portão estava fechado. O silêncio era profundo. Estava tão escuro... Eles começaram a sentir medo.

Para ganhar a aposta, era preciso atravessar a rua e bater a mão no portão do cemitério. O garoto que tinha topado o desafio correu. Parou na frente do portão e começou a fazer careta para o amigo. Depois se encostou ao portão e tentou bater a mão nele. Foi quando percebeu que ela estava presa.

— Socorro! Alguém me ajude! — ele gritou, desmaiando em seguida.

Nisso apareceu um velhinho vindo do fundo do cemitério, abriu o portão e chamou o outro menino.

— Seu amigo prendeu a manga da camisa no portão e desmaiou de medo. Coitadinho, pensou que algum fantasma o estivesse segurando.

O garoto reparou que o velhinho era muito magro, quase transparente.

— Obrigado. Como é que o senhor se chama?

— Eu sou o médico daqui. Vou acordar seu amigo.

O velhinho passou a mão na cabeça do menino desmaiado e ele despertou na mesma hora.

— Vão pra casa, meninos — ele disse. Já passou da hora de dormir.

E foi assim que os meninos perceberam que tinham conhecido um fantasma e entenderam que não precisavam ter medo de fantasmas, pois esses, apesar de misteriosos, são do bem.

Heloísa Prieto. "Lá vem história outra vez: contos do folclore mundial. São Paulo. Cia das letrinhas, 1997 (texto adaptado para fins didáticos).

Entendendo o texto:

01- Qual é o título do texto? E qual é o tema?

02 – Esse é um texto narrativo, informativo ou descritivo?

03 – Quantos e quais são as personagens do texto?

04 – Quem é o autor do texto?

05 – Quantos parágrafos tem o texto?

06 – Se algum amigo lhe desafiasse, assim como no texto, você aceitaria? Justifique sua resposta.

07 – Reescreva o último parágrafo do texto, criando um final diferente.

08- Assinale a alternativa correta:

a) No início do texto, os garotos estavam

- na escola, brincando no recreio.
- na porta do cemitério.
- sentados na varanda na casa de um deles.

b) Por que os meninos decidem ir ao cemitério?

- Para acompanhar um enterro.
- Devido a uma aposta que fizeram valendo uma bola de futebol.
- Devido a uma aposta que fizeram valendo uma bola de basquete.

c) O que era necessário para ganhar a aposta?

- Atravessar a rua e bater a mão no portão do cemitério.
- Atravessar a rua e entrar no cemitério.
- Atravessar a rua e chamar pelos fantasmas no portão do cemitério.

d) Depois de encostar no portão, a mão do garoto ficou presa e ele

- conseguiu se soltar rapidamente.
- gritou e desmaiou em seguida.
- ficou mudo e desmaiou em seguida.

09- O médico fantasma é uma história sobre medo, um “Conto de assombração”. Descreva o momento mais assustador da história.

10- Você ficou com medo? Por quê?

11- Como os meninos perceberam que o velhinho era um fantasma?

12- Por que o desafio era ter que ir ao cemitério à noite? Você aceitaria este desafio? Por quê?

13 – Você já passou por uma situação assustadora? Era um medo real ou imaginário? Conte aqui a sua história.

14- No trecho “O velhinho passou a mão na cabeça do menino desmaiado e **ele** despertou na mesma hora.” a palavra destacada refere-se

- (A) ao velhinho.
- (B) ao menino.
- (C) ao cemitério.
- (D) ao pai do menino.

14ª Atividade

Histórias de assombrar!

Nas atividades 14 e 15, vamos ler duas histórias que foram adaptadas do livro histórias da avozinha, escrito por Figueiredo Pimentel. Acompanhe a leitura do professor, seguindo-a com atenção, para depois responder as questões.

Texto 1

A casa mal-assombrada

Isolada de outras habitações havia uma casa onde ninguém morava, _____ se dizia que era mal-assombrada; à meia-noite ouviam-se ruídos de correntes, gritos, gemidos e suspiros, e uma luzinha brilhava, ora numa janela, ora noutra. O proprietário não achava alugador, e ele mesmo não queria saber dela, que ia se arruinando pouco a pouco.

Um dia, procuraram-no duas mulheres – mãe e filha – muito pobres, que acabavam de ser expulsas da casinha em que moravam. Pediam-lhe licença para ocupar a casa mal-assombrada.

O homem admirou-se daquele pedido, e, depois de avisá-las dos perigos que corriam, consentiu sem dificuldade.

As duas mulheres no mesmo dia mudaram-se.

Eram onze horas da noite quando foram se deitar, nada tendo visto nem ouvido de extraordinário. A mãe, como já era velha, e se sentia cansada das arrumações, dormiu logo. A filha, porém, ficou acordada, rolando na cama, sem conseguir adormecer.

Uma hora depois, ouviu o sino da matriz bater meia-noite. No mesmo instante a moça escutou um ruído estranho, enquanto uma voz gemia:

— Eu caio!... Eu caio!...

Ela olhou para cima, de onde parecia vir a voz. Nada viu, mas disse:

— Pois caia, com Deus!

Do teto do quarto caíram duas pernas.

A mesma voz assim falou mais três vezes, e a moça, dando sempre a mesma resposta, viu cair sucessivamente o tronco, os braços e a cabeça de um homem.

Os quatro pedaços reuniram-se, e apareceu uma criatura humana, tão pálida como um cadáver, que lhe falou:

— Se não tens medo, vem comigo.

Adelaide acompanhou-o atravessando toda a casa, até chegarem ambos ao quintal.

a) No primeiro parágrafo do texto a palavra que completa corretamente o texto é:

- (A) por que.
- (B) por quê.
- (C) porquê.
- (D) porque.

O que aconteceu com Adelaide?

Adelaide foi mesmo corajosa, não é? Imagine o que aconteceu no quintal, escreva no espaço abaixo.

Socialize com a classe sobre o destino de Adelaide.

| |
|--|
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |
| |

No final das contas - Acompanhe a leitura que seu (sua) professor (a) irá fazer do final do conto.

Depois de ler a história, que título você daria? Coloque sua sugestão na linha abaixo:

As palavras de arrepiar

Agora, encontre e marque no conto quatro palavras e expressões que estão geralmente presentes nas histórias de assombração. Complete o parágrafo abaixo com as que você encontrou.

Palavras e expressões como: _____

_____ e _____ são muito comuns nos contos de assombração.

Você consegue imaginar esta cena?

Do teto do quarto caíram duas pernas.

A mesma voz assim falou mais três vezes, e a moça dando sempre a mesma resposta, viu cair sucessivamente o tronco, os braços e a cabeça de um homem.

Os quatro pedaços reuniram-se, e apareceu uma criatura humana, tão pálida como um cadáver[...]

Responda às perguntas com os elementos da cena que você imaginou e complete as frases.

a) Como eram as pernas? Como e onde elas caíram? Que barulho fizeram ao cair?

As duas pernas eram _____ e caíram _____, fazendo um barulho _____.

b) Como era a voz? em que altura ela falou?

A voz _____ falou _____ mais três vezes.

c) O que a moça sentiu? O que ela quis fazer?

A moça, ao ver os pedaços caírem, ficou _____ e quis _____.

15ª Atividade

Identificando as características do conto

Leia uma outra versão da história que você leu na atividade anterior.

GASPAR, EU CAIO!



Noite escura no mato. Estrada de terra sem uma alma. O vento gemendo pelos galhos e as nuvens passando nervosas, querendo chover.

Um homem vem vindo lá longe. Devagarinho. Sem lua nem estrela para iluminar a viagem.

Vem de sacola pendurada no ombro e, na mão, um pau de matar cobra.

Trovoada. Os pingos da chuva principiam a cair. O viajante aperta o passo. Na curva, dá com uma casa abandonada. Cai um raio de despedaçar árvore. A chuva aperta. Na porta da tapera tem uma cruz desenhada. O homem não quer saber de nada. Mete o pé na porta e entra.

Dentro, um pouco de tudo. Pedacos de mobília, tigelas, troços e trecos jogados no escuro.

O viajante faz fogo.

Agachado, tira um pedaço de carne da sacola e bota para assar. Está morto de fome. Deita-se no chão e solta o corpo, esperando a comida ficar pronta.

A chuva vai minguando. O mato fica quieto.

De repente, o telhado range. De lá de cima, um gemido rabisca o ar:

- Gaspar!

O homem estremece. Aperta os dentes. A luz do fogo é fraca. Não dá para ver nada.

A voz chama e chama.

- Gaspar!

Já passa da meia noite. Quem será? A voz insiste:

- Gaspar!

O viajante pensa em fugir. Mas, e a carne? E o frio? E a chuva ameaçando cair? Encolhido num canto, o homem arrisca:

-Quem está aí?

A voz, no telhado, continua grossa:

- Gaspar!

- Quem está aí?

- Gaspar!

- Quem está aí? - pergunta o homem.

A voz então diz:

- Gaspar... Eu caio!

- Pois caia! – responde o viajante.

Estrondo. Espanto. Uma coisa despenca lá de cima - Catapram – e cai no chão.

Os olhos do homem crescem de pavor.

É um pé. A ossada de um pé. E vem com os dedos mexendo!

A voz boia no ar:

- Gaspar!

O homem treme.
- Eu caio!
- Pois caia! – grita o homem de novo.
Catapram. Vem outro pé. Cai e vai se arrastando para junto do primeiro.
- Gaspar!
O viajante respira curto. A cada resposta sua, desabam do forro pernas, coxas, tronco, braços e mãos de um esqueleto que vai se formando no chão.
O esqueleto começa a dançar.
A luz do fogo desenha sombras estranhas no casebre.
- Gaspar! Gaspar! Gaspar!
A voz grossa voa cada vez mais alto.
- Eu caio!
- Pois caia! – berra o viajante, sentindo sua hora chegar.
E então – ploct – uma cabeça cai lá do alto.
Meio de medo, meio de raiva, o homem chuta a caveira longe.
O corpo desencarnado fica zangado. Para a dança, agacha e, cuidadoso, enfia o crânio no pescoço. Depois, lambuzando a carne que assa no fogo com seu cuspe escuro.
O sangue do viajante ferve. Estava morto de fome. A carne era tudo o que havia para comer. O homem cata o pau de matar cobra.
- Para mim chega! – De olhos fechados, mergulha sobre o esqueleto dando soco e pancada. O morto gargalha. Os dois rodam atolados pelo chão da tapera.
A luta vara a noite. O homem bate, chora e sangra. O esqueleto range os dentes.
Os dois quebram tudo, apagam o fogo com o corpo e vão parar do lado de fora, rugindo na lama.
O tempo passa. Um golpe seco estala no mato. Silêncio.
O morto suspira e cai.
O viajante continua de pé, vitorioso. Passa o braço machucado sobre o rosto.
Do chão, a caveira pede para o homem cavar um buraco no pé de uma árvore.
O homem responde:
- Nem nunca!
Em seguida, vai até a árvore e trepa num galho bem alto.
Abatido, o esqueleto pega e cavuca ele mesmo. Tira do buraco fundo um tacho cheio de ouro e prata. Depois olhando para o homem pendurado na árvore, solta um gemido e some no vento.
O viajante fica onde está. Manhã nascendo no mato. Seu peito mexe com força, indo e vindo. Olha as mãos sujas de sangue. Estrada de terra sem uma alma. A roupa rasgada. O suor. O sol avermelhado sopra a brisa quente entre as folhagens. O homem sente o corpo doído e leve. Olha a tapera. Tem vontade de rir, cantar, conversar com alguém. Salta aliviado do galho, junta as coisas se via embora.

Texto de Ricardo Azevedo

1) Quem são as personagens da história?

2) Em que local acontece à história?

3) Faça um X na alternativa que corresponde ao conto de susto.

() Dia claro no mato, estrada de terra com muitas pessoas.

() Noite escura no mato, estrada de terra sem uma alma.

4) Cite algumas palavras que o autor utilizou no texto para caracterizar assombração:

16ª Atividade

Leia o texto e depois responda às questões

O fantasma da sorte

Os habitantes de uma região onde havia um castelo muito antigo tinham orgulho daquela bela construção, mas temiam penetrar em suas imediações, pois diziam que o lugar era mal-assombrado.

Um dia, um capitão dos mares viajava durante suas férias. Como não estava habituado a andar em terra, acabou se perdendo na densa floresta que rodeava o castelo. Já era tarde da noite e ele tremia de frio quando avistou o maravilhoso castelo. Feliz por encontrar um abrigo, o capitão bateu à porta e foi recebido pelo proprietário, que o convidou para entrar.

Havia muitos hóspedes nobres no castelo, que se interessavam por suas histórias de navios e aventuras no mar. Assim, ele foi convidado para jantar e pernoitar ali.

Pouco antes da meia-noite, o capitão foi levado a um suntuoso cômodo. Cansado por ter caminhado horas pela floresta, adormeceu de imediato. Mas, quando chegou a madrugada, ele despertou, assustado. Sonhara que estava de volta ao mar, no meio de uma terrível tormenta. Ao abrir os olhos, viu uma linda criança, cercada de uma luz cintilante, parada bem na sua frente. A criança lhe sorriu e ele se sentiu estranhamente tranquilo.



Em seguida ela desapareceu e o quarto voltou a ficar escuro. Na manhã seguinte, ao acordar, o capitão pensou que aquilo havia sido uma brincadeira de mau gosto. Quando se sentou à mesa para tomar café da manhã, foi logo dizendo ao nobre:

— Caro amigo, obrigado por sua hospedagem. Mas agora desejo partir. Ontem, quando eu estava precisando tanto de repouso, o senhor me deu um grande susto ao mandar aquela criança me despertar no meio da noite. Desculpe-me pela sinceridade, mas não gostei nem um pouco da brincadeira!

Em vez de responder ao capitão, o nobre chamou o mordomo:

— Hamilton, em que quarto você alojou o nosso amigo capitão?

— Bem, meu senhor – respondeu o mordomo –, o castelo está lotado de hóspedes, eu não tive escolha. Coloquei o capitão no quarto do menino. Mas acendi a lareira, porque ele só aparece no escuro, não é?

— Você fez muito mal! – disse o nobre. — O fogo da lareira sempre apaga de madrugada. Você deveria ter trancado aquele quarto a sete chaves!

Em seguida, dirigindo-se ao capitão, explicou:

— Meu amigo, nossa família guarda um segredo há muitos séculos. Neste castelo vive o fantasma de um menino. Seu quarto preferido é aquele em que você dormiu. Mas não se preocupe. Trata-se de um fantasma alegre, um fantasma da sorte. Todos os que o viram ganharam dinheiro e foram felizes.

E foi o que aconteceu. Uma semana depois, o capitão conheceu uma formosa jovem, com quem se casou. Como ela era muito rica, ele acabou se tornando um milionário também. E os filhos que tiveram foram fortes e felizes e tiveram sorte durante toda a vida.

História do folclore inglês. Disponível em: <https://eixodoleitorcrateus.blogspot.com/2015/04/o-fantasma-da-sorte.html> 29/09/22

1- Podemos afirmar que o autor criou um clima de mistério na seguinte passagem do texto:

- (A) “ele foi convidado para jantar e pernoitar...”.
- (B) “quando avistou o maravilhoso castelo...”.
- (C) “diziam que o lugar era mal-assombrado...”.
- (D) “o capitão conheceu uma formosa jovem...”.

2 -Dentre os episódios abaixo, o primeiro a acontecer foi quando o capitão:

- (A) despertou no meio da noite.
- (B) sentou à mesa para tomar café.
- (C) avistou um maravilhoso castelo.
- (D) casou com uma linda jovem.

3- No trecho “quando chegou a madrugada, ele despertou **assustado**”, o termo grifado indica que o capitão estava:

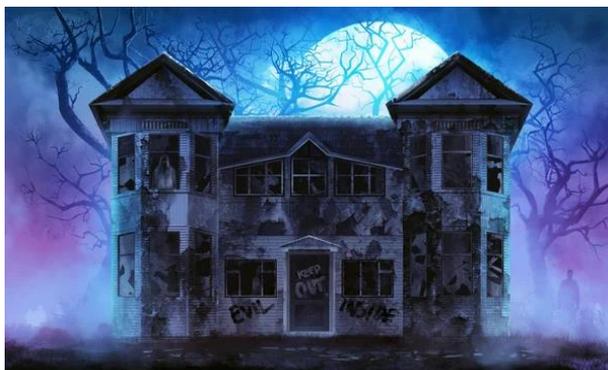
- (A) preocupado.
- (B) angustiado.
- (C) amedrontado.
- (D) aborrecido

17ª Atividade

Avaliação de Percurso

Nesse conto vamos observar que o desenvolvimento foi retirado e você deverá criar momentos de tensão, que prendam a atenção do leitor, não esqueça de ler o desfecho com atenção, é necessário seguir a história.

Recado de fantasma



Tudo começou quando nos mudamos para aquela casa. Era um antigo sobrado, com uma grande varanda envidraçada e um jardim. Eu me sentia tão feliz em morar num lugar espaçoso como aquele, que nem dei atenção aos comentários dos vizinhos, com quem fui fazendo amizade. Eles diziam que a casa era mal-assombrada. Alguns afirmavam ouvir alguém cantando por lá às sextas-feiras.

– Deve ser coisa de fantasma! - falavam.

– Se existe, nunca vi! – E então contava a eles que as casas antigas, como aquela, com revestimentos e assoalho de madeira, estalam por causa das mudanças de temperatura. Isso é um fenômeno natural, conforme meu pai havia me explicado. Mas meus amigos não se convenciam facilmente. Apostavam que mais dia menos dia eu levaria o maior susto.

Certa noite, três anos atrás, aconteceu algo impressionante. Meus pais tinham saído e eu fiquei em casa com minha irmã, Beth. Depois do jantar, fui para o quarto montar um quebra-cabeça de 500 peças, desses bem difíceis.

Faltava um quarto para a meia-noite. Eu andava à procura de uma peça para terminar a metade do cenário quando senti um ar gelado bem perto de mim. As peças espalhadas pelo chão começaram a tremer. Vi, arrepiado, cinco delas flutuarem e depois se encaixarem bem no lugar certo. Fiquei tão assustado que nem consegui me mexer. Só quando tive a impressão de ouvir passos se afastando é que

fazendo amizade. Eles diziam que a casa era mal-assombrada. Alguns afirmavam ouvir alguém cantando por lá às sextas-feiras.

- Deve ser coisa de fantasma! - falavam.

- Se existe, nunca vi! – E então contava a eles que as casas antigas, como aquela, com revestimentos e assoalho de madeira, estalam por causa das mudanças de temperatura. Isso é um fenômeno natural, conforme meu pai havia me explicado. Mas meus amigos não se convenciam facilmente. Apostavam que mais dia menos dia eu levaria o maior susto.

Certa noite, três anos atrás, aconteceu algo impressionante. Meus pais tinham saído e eu fiquei em casa com minha irmã, Beth. Depois do jantar, fui para o quarto montar um quebra-cabeça de 500 peças, desses bem difíceis.

Faltava um quarto para a meia-noite. Eu andava à procura de uma peça para terminar a metade do cenário quando senti um ar gelado bem perto de mim. As peças espalhadas pelo chão começaram a tremer. Vi, arrepiado, cinco delas flutuarem e depois se encaixarem bem no lugar certo. Fiquei tão assustado que nem consegui me mexer. Só quando tive a impressão de ouvir passos se afastando é que pude gritar e sair correndo escada abaixo. Minha irmã tentou me acalmar, dizendo que tudo não passava de imaginação, mas eu insisti e implorei que ela viesse até o quarto comigo. Uma segunda surpresa me esperava: o quebra-cabeça estava montado, formando a imagem de uma casa com um jardim bem florido. No entanto, meu jogo formava o cenário de uma guerra espacial, eu tinha certeza!

No dia seguinte, fui até a biblioteca pesquisar o tema. Eu e Beth encontramos dúzias de livros que tratavam de fatos extraordinários e aparições. E a explicação para eventos desse tipo foi a seguinte:

Que o fantasma era o dono de um cemitério, que fica embaixo da casa onde eles moram. E o jardim florido, era porque o dono que morreu era um jardineiro, e por mesmo que tenha morrido, ainda gosta de jardinagem e ele montou aquele quebra cabeça, por que queria que aquela casa, sempre estivesse bonita cheia de flores e plantas. E todas as sextas ele ia visitar o jardim...

Hoje minha casa tem o jardim mais bonito da rua. Centenas de lindas margaridas brancas florescem a maior parte do ano (para total espanto da vizinhança). O fantasma? Nunca mais vi. Decerto passeia feliz pelo jardim, nas noites de lua cheia.

Flávia Muniz. Recado de fantasma. Nova escola. São Paulo: Abril, ago. 2004. v.1 p. 13. Edição especial: contos para crianças e adolescentes.

a) No texto, não encontramos o nome do personagem principal. Qual nome você daria a ele?

b) O narrador do texto é:

() personagem

() observador

c) No terceiro parágrafo há um travessão no meio da frase, o que indica isso?

() Indica que o personagem está com medo.

() Indica a explicação do narrador sobre os fenômenos.

() Indica a fala das personagens.

d) Segundo o pai, quais eram os fenômenos que explicava o que estava acontecendo?

e) Os fatos a seguir foram tirados do texto. Releia-os e numere de 1 a 5, de acordo com a sequência do texto:

- () O quebra cabeça aparece montado.
- () O personagem muda para o antigo sobrado.
- () O personagem monta o quebra cabeça e as peças começam a tremer.
- () Beth tenta acalmar o personagem.
- () Os vizinhos diziam que a casa era mal – assombrada.

20ª Atividade

Atividade de compreensão leitora

Leia o texto abaixo e responda às questões.

Dançando com o morto

A viúva estava na cozinha com o filho, contando feliz o dinheiro que tinha encontrado debaixo do colchão, quando o marido, falecido fazia meses, apareceu e veio sentar-se à mesa com eles.

A mulher não se intimidou:

- O que você está fazendo aqui, seu miserável?! Me dá paz! Você está morto! Trate de voltar para debaixo da terra.

- Nem pensar – disse o morto. – Estou me sentindo vivo.

A mulher mandou o filho buscar um espelho. Entregou ao morto para que ele visse a sua cara de cadáver.

- É ... estou abatido. Deve ser falta de exercício – disse o falecido.

E mandou o filho buscar a sanfona, e convidou a mulher para dançar. Ela é claro, não quis saber de dançar com o defunto, que cheirava pior que gambá.

O morto nem ligou. Começou dançar sozinho. De repente a mulher viu que um dedo dele estava caindo, e ordenou:

- Toca mais rápido, menino!

Assim que o ritmo se acelerou, caiu outro pedaço.

- Mais que depressa, que eu também vou dançar – ela resolveu.

E começou a requebrar e saltar e jogou a perna para o alto e balançar a saia.

O marido, animado, tratava de acompanhar as piruetas da mulher, e enquanto



isso o corpo dele desmoronava. Até que só ficou a caveira pulando no chão, batendo o queixo.

A mulher caprichou uma pirueta, a caveira imitou e o queixo desmontou. Pronto.

Mais que depressa, a mulher mandou o filho buscar um baú para guardar os pedaços do marido:

- Põe tudo que é dele, filho. Tudo. Que eu vou procurar uns pregos e um martelo.

Dali a pouco ela voltou e caprichou nas marteladas, para que o morto nunca mais escapulisse.

Enterraram o defunto de novo. Depois jogaram bastante cimento em cima.

Só no dia seguinte a viúva lembrou do dinheiro do marido, que ela tinha deixado em cima da mesa.

- Cadê!?!

- Uai, Mãe! Não era para guardar no baú tudo que fosse dele?

Ângela Lago.

Entendendo o conto:

1) Por que a mulher ficou tão aborrecida com a chegada do finado marido?

2) Por que a mulher foi buscar o espelho?

3) Ao olhar a sua imagem no espelho, o defunto alegou que estava meio abatido e que era falta de exercícios, diante disso o que ele resolveu fazer?

4) O que fez a mulher mudar de ideia e dançar com o morto?

5) À medida que o morto imitava as piruetas da mulher, o que acontecia com ele?

6) Por que o morto fedia mais que um gambá?

7) Ao final do texto o menino diz: “- Uai, Mãe! Não era para guardar no baú tudo que fosse dele?” Como a mãe pode ter ficado diante dessa fala? Por quê?

8) A obediência do filho acabou se transformando num problema. Por quê?

9) Ao dizer: “- O que é que você está fazendo aqui seu miserável?”

- (A) A mulher elogiou o marido.
- (B) Maltratou o marido.
- (C) Se expressou de forma muito feliz.

10) Na frase: “Enterraram o **defunto** de novo.” A expressão em destaque pode ser substituída por

- (A) caveira.
- (B) menino.
- (C) marido.

11) Esse texto é

- (A) fábula.
- (B) conto.
- (C) texto informativo.

12) Retome o título da história. Que outro título poderia ser dado ao texto? Por quê?

13) Você sentiu medo ao ler o texto? Justifique.

14) Você acha que esse texto poderia acontecer na realidade? Explique.

21ª Atividade

Analizando o texto

Leia o texto abaixo e responda às questões.

DA MARIMONDA, A MÃE-DA-MATA, NÃO SE DEVE FALAR

Quando Jacinto voltava cabisbaixo à sua chácara, encontrou-se com a velha Joana.

– Escuta, filho, por que essa cara? – disse-lhe a velha ao cumprimentá-lo.

– Ah, nhá Joana – suspirou Jacinto – é que hoje, quando eu fui buscar água pra regar minhas laranjeiras, vi que o rio estava seco. Não tinha nenhuma gota d'água. Faz tanto tempo que não chove! Não sei o que fazer, nhá Joana!

– O rio estava seco, é? Mau sinal, filho, mau sinal! – E a velha balançou a cabeça como se pressentisse calamidades.

– Mau sinal por que, nhá Joana?

– Pois olha, filho, você é muito jovem e não sabe de nada. Mas eu digo, que se o rio secou, é porque ela anda por aí e então... pobre de quem se encontrar com ela!

– Com ela quem? De quem é que vosmecê está falando, nhá Joana? Jacinto estava muito assustado.

– É da Marimonda, a mãe-da-mata, filho. E de quem mais que ia ser? Mas eu não quero falar dela não. Não pode, filho, dá azar. Só de pensar fico toda arrepiada. E vê se toma cuidado. Você é um bom moço, Jacinto, não é como os outros, como esse tal de Runcho.

E a velha seguiu o seu caminho, apressada.

Jacinto sentiu imediatamente um calafrio percorrer-lhe a espinha. Lembrou-se, então, do Runcho Rincão. Já fazia tempo que esse sujeito derrubava árvores na cabeceira do rio, lá no alto do morro. Quando os lavradores perceberam, perguntaram-lhe por que fazia aquilo e ele explicou que os homens da serraria lhe pagavam pelas árvores que ele cortava. Serafim, o mais velho dos habitantes do povoado, advertiu-o então:

– Olha, Runcho, é melhor não fazer estrago na floresta que a Marimonda pode aparecer.

Mas o Runcho não fez caso das palavras do velho e continuou destruindo todas as árvores que encontrava.

Pouco tempo depois, os lavradores começaram a notar que o rio descia com menos água e que cada vez se ouviam menos os gritos dos papagaios e o canto dos melros nas matas.

A caminho de sua chácara, Jacinto continuou pensando no que fazer com os seus pezinhos de laranja recém-plantados, já que não tinha água para regá-los.

Começava a escurecer e detrás do morro despontava uma lua redonda e amarela. Tal era a sua preocupação, que nem se deu conta do alvoroço que o seu cãozinho Canijo fez ao vê-lo. Mas logo percebeu que o animal estava muito inquieto: grunhia, ladrava, cercava o dono e mordia as suas calças, tentando conduzi-lo para o caminho que levava ao morro. Jacinto sentiu a angústia de Canijo e decidiu segui-lo. Depois de se benzer várias vezes, começou a subir, deixando-se guiar pelo cachorro, que não parava de ladrar e grunhir.

Pouco depois, ouviu um ruído: chuiss, chuiss, sibilava um facão derrubando mamonas, sarças e samambaias. De longe, Jacinto avistou o Runcho, que, aproveitando a escuridão, estava abrindo uma trilha até um lugar onde havia uns cedros enormes que ele desejava derrubar. Com o vento, as folhas das árvores rangiam, dando a impressão de que estavam chorando.

De súbito, a lua se escondeu detrás de uma nuvem e Jacinto não conseguiu

enxergar mais nada. Canijo parou. Cessou também o ruído do facão na folhagem. A escuridão e o silêncio dominaram a floresta e um resplendor surgiu no meio da mata espessa.

O Runcho, como que hipnotizado, deixou cair o facão e se levantou com os olhos fixos no resplendor, o qual pouco a pouco foi tomando a forma de uma bela mulher. Seus cabelos longos e escuros caíam-lhe sobre os ombros e cobriam-lhe todo o corpo. Seus olhos grandes e muito pretos lançavam centelhas de fogo e seus lábios delineavam um sorriso feroz. Uma voz repetia:– Vem... vem... vem...

Tão logo o Runcho conseguiu tocar a mulher, esta soltou uma aguda gargalhada, que retumbou no silêncio da noite. Rápida como um raio, sacudiu a cabeça e imediatamente os seus longos cabelos se transformaram num espesso musgo pardacento e em grossos cipós que, como serpentes, enroscaram-se no pescoço, nos braços e nas pernas do moço.

Jacinto fechou os olhos. Seu coração saltava como louco e suas pernas pareciam estar cravadas na terra. Alguns instantes depois, ele ouviu novamente os latidos furiosos de Canijo e o ranger das folhas sacudidas pelo vento. Abriu os olhos e aproximou-se do Runcho. Estava morto. Um cipó apertava-lhe o pescoço e, ao seu lado, estendia-se um rastro de musgo pardacento que se perdia no matagal. Ao longe, começou-se a escutar a água do rio que voltava a correr.

Jacinto jamais disse nada a ninguém. Da Marimonda, a mãe-da-mata, não se deve falar.

Coletânea de contos de tradição oral. Contos de assombração. Co-edição latino americana. São Paulo: Ática, 1988, 4a ed.

Complete o quadro abaixo

| | |
|--|--|
| Personagens - Quem participa da história? | |
| Espaço - Onde a história se passa? | |
| Tempo - Quando se passa a história? | |
| Narrador - Quem conta a história? | |
| Presença de diálogos - Há diálogos nos textos? Quantos? Como eles são introduzidos no texto? | |

Para escrever uma história que narre um fato assustador, é preciso empregar palavras que se associem a sensações como susto e o medo ou a fenômenos como o sobrenatural.

Selecione as palavras de arrepiar que você encontrou no conto da Marimonda e escreva-as neste quadro, em seguida, escolha aquelas que deverão fazer parte do dicionário de arrepiar e procure os seus significados. Lembre-se de anotar na atividade 5.

22ª Atividade

Analizando diferentes contos de assombração

Vamos conhecer outro conto de assombração? Ouça com atenção a leitura do professor(a). Depois leia sozinho, assinalando as palavras de arrepiar que você encontrar.

Uma noite no paraíso

Trecho 1

Era uma vez dois grandes amigos que, de tanto que se queriam, haviam feito um juramento: quem casasse primeiro deveria chamar o outro para padrinho, mesmo que se encontrasse no fim do mundo.

Depois de algum tempo, um dos amigos morre. O outro, devendo casar-se, não sabia como fazer e pediu conselhos ao confessor.

— Negócio complicado — disse o pároco — você deve manter a sua palavra. Convide-o mesmo estando morto. Vá até o túmulo e diga o que tem a dizer. Ele decidirá se vem ou não.

O jovem foi até o túmulo e disse:

— Amigo, chegou o momento, vem para ser meu padrinho!

Abriu-se a terra e pulou fora o amigo.

Antes de conhecer o restante da história, imagine o que aconteceu. Converse com o professor e os colegas sobre o encontro entre os dois amigos.

Trecho 2

— Claro que vou, tenho que manter a promessa, pois se não a mantiver não sei quanto tempo terei que ficar no purgatório.

Portanto, os amigos foram para casa e depois à igreja para o matrimônio. A seguir veio o banquete de núpcias e o jovem morto começou a contar histórias de todo tipo, mas não dizia uma palavra sobre o que vira no outro mundo. O noivo não via a hora de lhe fazer umas perguntas, mas não tomava coragem. No final do banquete, o morto se levanta e diz:

— Amigo, já que lhe fiz este favor, você tem que me acompanhar um pouquinho.

— Claro, por que não? Porém, espere, só um momentinho, pois é a primeira noite com minha esposa...

— Certamente, como quiser!
O marido deu um beijo na mulher.

— Vou sair um instante e volto logo — E saiu com o morto.
Falando de tudo um pouco, chegaram ao túmulo. Abraçaram-se.
O vivo pensou: "Se não lhe perguntar agora, não pergunto nunca mais", tomou coragem e lhe disse:

— Escute, queria lhe perguntar uma coisa, a você que está morto: do outro lado, como funciona?

— Não posso dizer nada — respondeu o morto.

— Se quiser saber, venha você também ao Paraíso.
O túmulo se abriu, e o vivo seguiu o morto. E logo se encontravam no Paraíso. O morto o levou para ver um belo palácio de cristal com portas de ouro, cheio de anjos que tocavam e faziam dançar os beatos, e São Pedro, que tocava contrabaixo. O vivo estava de boca aberta e quem sabe quanto tempo teria ficado ali se não tivesse de ver todo o resto.

— Agora, vamos a outro lugar! — disse-lhe o morto, e o levou a um jardim onde as árvores, em vez de folhas, tinham pássaros de todas as cores que cantavam. — Vamos em frente, o que faz aí encantado? — E o levou a um prado onde os anjos dançavam, alegres e suaves como namorados.

— Agora vou levá-lo para ver uma estrela!
Não se cansaria nunca de admirar as estrelas; os rios, em vez de água, eram de vinho e a terra era de queijo.
De repente, caiu em si:

— Ouça, compadre, já faz algumas horas que estou aqui em cima. Tenho que voltar para minha esposa, que deve estar preocupada.

— Já está cansado?

— Cansado? Sim, se pudesse...

— E muito mais haveria para descobrir!

— Tenho certeza, mas é melhor eu voltar.

— Como preferir. — E o morto o acompanhou até o túmulo e depois sumiu.

E agora? Será que o jovem vai conseguir voltar para sua noiva? Será que tudo voltará ao normal? Conte aos seus colegas o que você acha que vai acontecer e ouça o que eles pensam.

Trecho 3

O vivo saiu do túmulo e não reconhecia mais o cemitério. Estava todo cheio de monumentos, estátuas, árvores altas. Saiu do cemitério e, no lugar daquelas casinhas de pedra meio improvisadas, viu grandes palácios e bondes, automóveis, aviões. "Onde é que vim parar? Terei errado o caminho?
Mas como está vestida esta gente!"
Pergunta a um velhinho:
— Cavalheiro, esta aldeia é...?
Sim, é esse o nome desta cidade.
— Bem, não sei por que, não consigo me situar. Saberria me dizer onde fica a

casa daquele que se casou ontem?

— Ontem? Estranho, trabalho como sacristão e posso garantir que ontem ninguém se casou!

— Como? Eu me casei! — E lhe contou que acompanhara ao Paraíso um padrinho seu que morrera.

— Você está sonhando — disse o velho. — Essa é uma velha história que contam: do marido que acompanhou o padrinho até o túmulo e não voltou; e a mulher morreu de desgosto.

— Não, senhor, o marido sou eu!

— Ouça, a única solução é que vá conversar com nosso bispo.

— Bispo? Mas aqui na aldeia só existe um pároco.

— Nada disso. Há muitos anos que temos um bispo. — E o levou até o bispo.

Estranho o que se passou com o rapaz, não é? o que vai acontecer com ele? Qual será o fim desta história? Dê o seu palpite e escute os palpites de seus colegas.

Trecho 4

O bispo, quando o jovem lhe contou o que lhe acontecera, lembrou-se de uma história que ouvira quando rapaz. Pegou os livros, começou a folheá-los: há trinta anos, não; cinquenta anos, não; cem, não; duzentos, não. E continuava a folhear. No final, numa folha toda rasgada e gordurosa, encontra justamente aqueles nomes.

Aconteceu há trezentos anos. O jovem desapareceu no cemitério e a mulher dele morreu de desgosto. Leia aqui se não acredita!

— Mas sou eu.

— E você esteve no outro mundo? Conte-me como é!

Porém, o jovem ficou amarelo como a morte e caiu. Morreu assim, sem poder contar nada do que vira.

CALVINO, Ítalo. Fábulas italianas. Tradução: Nilson Maulin, São Paulo, Companhia das Letras.

1. Enumere os fatos na ordem em que aconteceram no texto:

() O recém-casado conhece um jardim onde as árvores, em vez de folhas, tinham pássaros de todas as cores, que cantavam.

() Um dos amigos morre.

() Dois amigos fazem um juramento: quem casasse primeiro chamaria o outro para padrinho.

() O vivo fica assustado, pois sua cidade estava muito diferente.

() O morto vai ao casamento do amigo.

() O noivo percebe que esteve longe da sua aldeia por 300 anos.

() O vivo acompanha seu amigo morto até sua morada.

2. Por que o amigo chamou o morto para ser padrinho de seu casamento?

3. O narrador do texto é:

- () Narrador- personagem (1ª pessoa) () Narrador- observador (3ª pessoa)

4. O que o noivo viu de interessante no Paraíso?

5. Depois de algumas horas o morto resolveu voltar para sua noiva, mas ao sair viu que estava tudo diferente. Se a localidade era a mesma, por que isso aconteceu?

6. “Agora vou levá-lo para ver uma estrela.”

A palavra em destaque refere-se:

- () ao amigo vivo. () à noiva. () ao amigo morto. () ao pároco.

23ª Atividade

A casa do pesadelo

A estrada pela qual eu seguia em meu carro passava por um campo aberto, e deixava um bosque para trás. O sol estava se pondo. A fazenda mais próxima tinha um caminho cinzento que a ligava à estrada. Acelerei o carro para chegar o quanto antes à casa e entender o que estava acontecendo, mas corri demais: meu carro derrapou e se estabacou contra uma árvore.

Levantei-me sem maior dificuldade e fui examiná-lo. Ficava imprestável. Já era quase noite e eu já começava a ficar aflito quando apareceu um garoto correndo pelo caminho da casa. Vestia, como era típico do lugar, uma camisa marrom aberta no peito. Tinha uma expressão que me incomodava um pouco, porque seu lábio era rasgado. Quando chegou ao local do acidente, ele não disse nada, mas logo lhe perguntei:

— Onde fica a oficina mais próxima?

— A oito milhas daqui, senhor – respondeu com uma péssima pronúncia, por causa do defeito no lábio. Como a noite já estava caindo, pedi-lhe:

— Posso passar a noite em sua casa?

— Claro, se o senhor quiser. Mas a casa está bem desarrumada, porque papai não está e mamãe morreu há três anos. Tem pouca comida.

— Não tem importância. Trouxe algumas provisões. – retruquei e fomos juntos à sua casa. No caminho até a sua casa senti uma brisa estranha, um cheiro de vegetação desagradável. Ao chegar vi que tudo estava mesmo muito largado.

O garoto me instalou amavelmente num quarto pegado à entrada. Como não havia luz na casa toda, peguei três velas na minha mala. Serviram-me para iluminar

meu quarto e a cozinha. Mal me acomodei, acendi a lareira e comecei a preparar o jantar com o que trazia. O garoto comentou que já havia jantado e não estava com fome. Achei estranho para um garoto da sua idade, ainda mais com aquele aspecto de quem passava necessidades, mas eu não quis dizer nada. Aproximou-se do fogo e pôs-se a aquecer as mãos.

— Está com frio? – perguntei.

— Sempre estou.

Aproximou-se tanto das chamas da lareira que temi fosse se queimar, mas ele parecia não sentir o fogo. Preparado o jantar, pus a mesa na cozinha mesmo e jantei – sozinho e rápido. Conversamos um pouco, porque não era tarde, e o garoto me acompanhou à varanda. Sentou-se no chão, enquanto eu me embalava gostosamente numa cadeira de balanço.

— O que você faz quando seu pai não está? – perguntei.

— Nada, só deixo o tempo passar. Ninguém nunca vem nos visitar. A gente daqui diz que essa casa é mal-assombrada.

— Você já viu algum fantasma? – perguntei intrigado.

— Ver, eu nunca vi. Mas posso senti-los.

De repente, senti como se um fino véu deslizesse suavemente pelo meu rosto. Levantei-me de repente.

— Ei! Você viu? – exclamei confuso.

— Não vi nada. O que foi?

— Não sei... um véu. Roçou-me no rosto – expliquei.

— Não tenha medo. Deve ser um dos fantasmas que correm pela casa. Na certa é minha mãe. – disse ele tranquilamente.

Naquele momento, achei que o garoto não regulava bem. Despedi-me dele, desejei-lhe boa noite e fui dormir, agora já meio desconfiado. Caí num sono profundo, mas, passado um bom tempo, um sonho arrepiante me acordou. Um pesadelo terrível: ali mesmo, no meu quarto, uma enorme fera, como que um javali disforme, de presas ameaçadoras, grunhia diante de mim. Tinha uma atitude muito agressiva e pusera suas patas na cama, a ponto de pular em cima de mim.

Acordei suando, apavorado. Não consegui mais dormir. Quis chamar o garoto, e só então me dei conta de que não sabia seu nome. Não tinha pensado em perguntá-lo e ele não tinha se apresentado. Gritei ‘oi’ repetidas vezes, mas ninguém respondeu. Só ouvi o eco dos meus gritos entre aquelas paredes vazias. Sentia meu coração bater como se fosse sair pela boca.

Não estava gostando nada daquilo. Resolvi então ir embora daquela casa sem perder nem mais um minuto. Para não ser mal-agrado, deixei algum dinheiro em cima da mesa da cozinha. Saí, segui a estrada a pé, decidido a encontrar a tal oficina. O sol já tinha raiado quando cheguei à primeira fazenda. Um homem veio ao meu encontro.

Contei-lhe meu acidente de automóvel da noite anterior e ele me perguntou onde tinha passado a noite. Ao lhe explicar onde tinha dormido, olhou para mim com cara de incredulidade.

— Como é que lhe passou pela cabeça entrar ali? Não sabe o que dizem dessa casa?

— O garoto me levou – respondi.

— Que garoto?

— O do lábio rasgado – afirmei com segurança.

Com cara de quem havia compreendido tudo, me perturbou com suas palavras:
— Desta vez não há dúvida. Esse garoto que o levou até a casa é um fantasma.
Você não sabia, não é? Ele morreu há seis meses.

Texto de Edward White

Vamos compreender?

O texto *'A Casa do Pesadelo'* é um conto de terror e tem a intenção de passar o sentimento de medo para os leitores. Ao ler este tipo de narrativa, o leitor costuma se colocar no lugar do narrador e imaginar outras atitudes que teria tido ao ser ele.

Escreva abaixo como você agiria nas seguintes situações sugeridas ao longo da narrativa:

a) O que você faria após bater o carro na árvore?

b) O narrador pede abrigo ao garoto. Você teria feito o mesmo? Justifique sua resposta:

c) Agora é a sua vez: Escreva um final para essa história contando o que você faria ao saber que o menino já havia morrido há seis meses.

2) Leia as informações abaixo e classifique-as em V (verdadeiras) ou F (falsas):

- a) O carro do narrador chocou-se contra uma árvore. ()
- b) O menino logo ofereceu abrigo ao narrador. ()
- c) O narrador ficou incomodado com a aparência do garoto. ()
- d) A mãe do menino estava ocupada e não pôde receber o homem. ()
- e) Quando o homem foi embora da casa, o menino ainda dormia. ()
- f) O narrador teve um aterrorizante encontro com um fantasma. ()
- g) O texto é uma narrativa ()
- h) O narrador dessa história é também personagem dela ()
- i) Há 3 personagens nessa história ()

24ª Atividade

MARIA ANGULA

Maria Angula era uma menina alegre e viva, filha de um fazendeiro de Cayambe. Era louca por uma fofoca e vivia fazendo intrigas com os amigos para jogá-los uns contra os outros. Por isso, tinha fama de leva-e-traz, linguaruda e era chamada de moleca fofoqueira.

Assim viveu Maria Angula até os dezesseis anos, decidida a armar confusão entre os vizinhos, sem ter tempo para aprender a preparar pratos saborosos.

Quando Maria Angula se casou, começaram seus problemas. No primeiro dia, o marido pediu-lhe que fizesse uma sopa de pão com miúdos, mas ela não tinha a menor ideia de como prepará-la.

Queimando a mão com uma mecha embebida em gordura, acendeu o carvão e levou ao fogo um caldeirão com água, sal e colorau, mas não conseguiu sair disso: não fazia ideia de como continuar.

Maria lembrou-se então de que na casa vizinha morava dona Mercedes, cozinheira de mão-cheia, e, sem pensar duas vezes, correu até lá.

— Minha cara vizinha, por acaso a senhora sabe fazer sopa de pão com miúdos?

— Claro, dona Maria. É assim: primeiro coloca-se o pão de molho em uma xícara de leite, depois despeja-se este pão no caldo e, antes que ferva, acrescentam-se os miúdos.

— Só isso?

— Só, vizinha.

— Ah – disse Maria Angula – mas isso eu já sabia!

E voou para a sua cozinha a fim de não esquecer a receita.

No dia seguinte, como o marido lhe pediu que fizesse um ensopado de batatas com tocinho, a história se repetiu:

— Dona Mercedes, a senhora sabe como se faz o ensopado de batatas com tocinho?

E como da outra vez, tão logo sua boa amiga lhe deu todas as explicações, Maria Angula exclamou:

— Ah! É só? Mas isso eu já sabia! – E correu imediatamente para casa a fim de prepará-lo.

Como isso acontecia todas as manhãs, dona Mercedes acabou se enfezando. Maria Angula vinha sempre com a mesma história: “Ah, é assim que se faz o arroz com carneiro? Mas isso eu já sabia! Ah, é assim que se prepara a dobradinha? Mas isso eu já sabia!”. Por isso, a mulher decidiu dar-lhe uma lição e, no dia seguinte...

— Dona Mercedinha!

— O que deseja, dona Maria?

— Nada, querida, só que meu marido quer comer no jantar um caldo de tripas e bucho e eu...

— Ah, mas isso é fácil demais – disse dona Mercedes. E antes que Maria Angula a interrompesse, continuou:

— Veja: vá ao cemitério levando um facão bem afiado. Depois, espere chegar o último defunto do dia e, sem que ninguém a veja, retire as tripas e o estômago dele. Ao chegar em casa, lave-os muito bem e cozinhe-os com água, sal e cebolas. Depois de ferver uns dez minutos, acrescente alguns grãos de amendoim e está pronto. É o prato mais saboroso que existe.

— Ah! – disse como sempre Maria Angula – É só? Mas isso eu já sabia!

E, num piscar de olhos, estava ela no cemitério, esperando pela chegada do defunto mais fresquinho. Quando já não havia mais ninguém por perto, dirigiu-se em silêncio à tumba escolhida. Tirou a terra que cobria o caixão, levantou a tampa e... Ali estava o pavoroso semblante do defunto! Teve ímpetos de fugir, mas o próprio medo a deteve ali. Tremendo dos pés à cabeça, pegou o facão e cravou-o uma, duas, três vezes na barriga do finado e, com desespero, arrancou-lhe as tripas e o estômago. Então voltou correndo para casa. Logo que conseguiu recuperar a calma, preparou a janta macabra que, sem saber, o marido comeu lambendo os beiços.

Nessa mesma noite, enquanto Maria Angula e o marido dormiam, escutaram-se uns gemidos nas redondezas. Ela acordou sobressaltada. O vento zumbia misteriosamente nas janelas, sacudindo-as, e de fora vinham uns ruídos muito estranhos, de meter medo em qualquer um.

De súbito, Maria Angula começou a ouvir um rangido nas escadas. Eram os passos de alguém que subia em direção ao seu quarto, com um andar dificultoso e retumbante, e que se deteve diante da porta. Fez-se um minuto de silêncio e logo depois Maria Angula viu o resplendor fosforescente de um fantasma. Um grito surdo e prolongado paralisou

— Maria Angula, devolva as minhas tripas e o meu estômago, que você roubou de minha santa sepultura!

Aterrorizada, Maria Angula escondeu-se debaixo das cobertas para não vê-lo, mas imediatamente sentiu umas mãos frias e ossudas puxarem-na pelas pernas e arrastarem-na gritando:

— Maria Angula, devolva as minhas tripas e o meu estômago, que você roubou de minha santa sepultura!

Quando Manuel acordou, não encontrou mais a esposa e, muito embora tenha procurado por ela em toda parte, jamais soube do seu paradeiro.

(* Extraído de: Contos de assombração, 4^a.ed.Co-edição Latino-Americana.São Paulo, Ática, 1988. “Maria Angula” é um conto da tradição oral equatoriana. Esta versão foi escrita por Jorge Renón de La Torre a partir de um relato que lhe fez Maria Gomez, uma mulher de 70 anos, que vive no povoado de Otán).

Compreendendo o texto:

1) A história da Maria Angula é:

- (A) um conto de assombração.
- (B) um conto de fadas.
- (C) uma lenda.
- (D) uma fábula.

2) O principal problema de Maria Angula depois que se casou era:

- (A) fazer fofocas.
- (B) não saber cozinhar.
- (C) ser boa cozinheira
- (D) falar muito.

3) No trecho “... sem ter tempo para aprender a preparar pratos **saborosos**.” a palavra destacada significa:

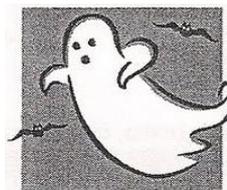
- (A) atrasados.
- (B) queimados.
- (C) salgados.
- (D) deliciosos.

4) Na frase:

“... mas imediatamente senti umas mãos frias e ossudas puxarem-na pelas pernas e arrastarem-na gritando...”

São adjetivos as palavras:

- (A) mãos /pernas
- (B) frias/ossudas
- (C) mas/sentiu
- (D) ossudas/gritando



5) Na frase: “Nessa mesma noite, enquanto Maria Angula e o marido dormiam, escutaram-se uns gemidos nas redondezas. Ela acordou sobressaltada.” A palavra sublinhada se refere:

- (A) ao fantasma. (B) a Dona Mercedes. (C) a Maria Angula. (D) ao marido.

25ª Atividade

Identificando as características do conto

GASPAR, EU CAIO!

Noite escura no mato. Estrada de terra sem uma alma. O vento gemendo pelos galhos e as nuvens passando nervosas, querendo chover.

Um homem vem vindo lá longe. Devagarinho. Sem lua nem estrela para iluminar a viagem.

Vem de sacola pendurada no ombro e, na mão, um pau de matar cobra.

Trovoada. Os pingos da chuva principiam a cair. O viajante aperta o passo. Na curva, dá com uma casa abandonada. Cai um raio de despedaçar árvore. A chuva aperta. Na porta da tapera tem uma cruz desenhada. O homem não quer saber de nada. Mete o pé na porta e entra.

Dentro, um pouco de tudo. Pedacos de mobília, tigelas, troços e trecos jogados no escuro.

O viajante faz fogo.

Agachado, tira um pedaço de carne da sacola e bota para assar. Está morto de fome. Deita no chão e solta o corpo, esperando a comida ficar pronta.

A chuva vai minguando. O mato fica quieto.

De repente, o telhado range. De lá de cima, um gemido rabisca o ar:

- Gaspar!

O homem estremece. Aperta os dentes. A luz do fogo é fraca. Não dá para ver nada.



A voz chama e chama.

- Gaspar!

Já passa da meia noite. Quem será? A voz insiste:

- Gaspar!

O viajante pensa em fugir. Mas, e a carne? E o frio? E a chuva ameaçando cair?

Encolhido num canto, o homem arrisca:

- Quem está aí?

A voz, no telhado, continua grossa:

- Gaspar!

- Quem está aí?

- Gaspar!

- Quem está aí? - pergunta o homem.

A voz então diz:

- Gaspar... Eu caio!

- Pois caia! – responde o viajante.

Estrondo. Espanto. Uma coisa despenca lá de cima - Catapram – e cai no chão.

Os olhos do homem crescem de pavor.

É um pé. A ossada de um pé. E vem com os dedos mexendo!

A voz bóia no ar:

- Gaspar!

O homem treme.

- Eu caio!

- Pois caia! – grita o homem de novo.

Catapram. Vem outro pé. Cai e vai se arrastando para junto do primeiro.

- Gaspar!

O viajante respira curto. A cada resposta sua, desabam do forro pernas, coxas, tronco, braços e mãos de um esqueleto que vai se formando no chão.

O esqueleto começa a dançar.

A luz do fogo desenha sombras estranhas no casebre.

- Gaspar! Gaspar! Gaspar!

A voz grossa voa cada vez mais alto.

- Eu caio!

- Pois caia! – berra o viajante, sentindo sua hora chegar.

E então – ploct – uma cabeça cai lá do alto.

Meio de medo, meio de raiva, o homem chuta a caveira longe.

O corpo desencarnado fica zangado. Para a dança, agacha e, cuidadoso, enfia o crânio no pescoço. Depois, lambuza a carne que assa no fogo com seu cuspe escuro.

O sangue do viajante ferve. Estava morto de fome. A carne era tudo o que havia para comer. O homem cata o pau de matar cobra.

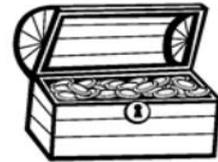
- Para mim chega! – De olhos fechados, mergulha sobre o esqueleto dando soco e pancada. O morto gargalha. Os dois rolam atacadados pelo chão da tapera.

A luta vara a noite. O homem bate, chora e sangra. O esqueleto range os dentes.

Os dois quebram tudo, apagam o fogo com o corpo e vão parar do lado de fora, rugindo na lama.

O tempo passa. Um golpe seco estala no mato. Silêncio.

O morto suspira e cai.



O viajante continua de pé, vitorioso. Passa o braço machucado sobre o rosto. Do chão, a caveira pede para o homem cavar um buraco no pé de uma árvore. O homem responde:
- Nem nunca!
Em seguida, vai até a árvore e trepa num galho bem alto. Abatido, o esqueleto pega e cavuca ele mesmo. Tira do buraco fundo um tacho cheio de ouro e prata. Depois olhando para o homem pendurado na árvore, solta um gemido e some no vento.
O viajante fica onde está. Manhã nascendo no mato. Seu peito mexe com força, indo e vindo. Olha as mãos sujas de sangue. Estrada de terra sem uma alma. A roupa rasgada. O suor. O sol avermelhado sopra a brisa quente entre as folhagens. O homem sente o corpo doído e leve. Olha a tapera. Tem vontade de rir, cantar, conversar com alguém. Salta aliviado do galho, junta as coisas se via embora.

Texto de Ricardo Azevedo

1) Quem são as personagens da história?

2) Em que local acontece à história?

3) Faça um X na alternativa que corresponde ao conto de susto.

- () Dia claro no mato, estrada de terra com muitas pessoas.
() Noite escura no mato, estrada de terra sem uma alma.

4) Cite algumas palavras que o autor utilizou no texto para caracterizar assombração:

26ª Atividade

Dançando com o morto

A viúva estava na cozinha com o filho, contando feliz o dinheiro que tinha encontrado debaixo do colchão, quando o marido, falecido fazia meses, apareceu e veio sentar-se à mesa com eles.

A mulher não se intimidou:



- O que você está fazendo aqui, seu miserável?! Me dá paz! Você está morto! Trate de voltar para debaixo da terra.

- Nem pensar – disse o morto. – Estou me sentindo vivo.

A mulher mandou o filho buscar um espelho. Entregou ao morto para que ele visse a sua cara de cadáver.

- É ... estou abatido. Deve ser falta de exercício – disse o falecido.

E mandou o filho buscar a sanfona, e convidou a mulher para dançar. Ela é claro, não quis saber de dançar com o defunto, que cheirava pior que gambá.

O morto nem ligou. Começou dançar sozinho. De repente a mulher viu que um dedo dele estava caindo, e ordenou:

- Toca mais rápido, menino!

Assim que o ritmo se acelerou, caiu outro pedaço.

- Mais que depressa, que eu também vou dançar – ela resolveu.

E começou a requebrar e saltar e jogou a perna para o alto e balançar a saia.

O marido, animado, tratava de acompanhar as piruetas da mulher, e enquanto isso o corpo dele desmoronava. Até que só ficou a caveira pulando no chão, batendo o queixo.

A mulher caprichou uma pirueta, a caveira imitou e o queixo desmontou. Pronto.

Mais que depressa, a mulher mandou o filho buscar um baú para guardar os pedaços do marido:

- Põe tudo que é dele, filho. Tudo. Que eu vou procurar uns pregos e um martelo.

Dali a pouco ela voltou e caprichou nas marteladas, para que o morto nunca mais escapulisse.

Enterraram o defunto de novo. Depois jogaram bastante cimento em cima.

Só no dia seguinte a viúva lembrou do dinheiro do marido, que ela tinha deixado em cima da mesa.

- Cadê!?!
- Uai, Mãe! Não era para guardar no baú tudo que fosse dele?

Texto de Ângela Lago

Entendendo o conto:

1) Por que a mulher ficou tão aborrecida com a chegada do finado marido?

2) Por que a mulher foi buscar o espelho?

3) Ao olhar a sua imagem no espelho, o defunto alegou que estava meio abatido e que era falta de exercícios, diante disso o que ele resolveu fazer?

4) O que fez a mulher mudar de ideia e dançar com o morto?

5) À medida que o morto imitava as piruetas da mulher, o que acontecia com ele?

6) Por que o morto fedia mais que um gambá?

7) Ao final do texto o menino diz: “--- Uai, Mãe! Não era para guardar no baú tudo que fosse dele?” Como essa frase deixou a mãe: Por quê?

8) A obediência do filho acabou se transformando num problema. Por quê?

9) Ao dizer: “--- O que é que você está fazendo aqui seu miserável?”

- (A) A mulher elogiou o marido.
- (B) Maltratou o marido.
- (C) Se expressou de forma muito feliz.

10) Na frase: “Enterraram o **defunto** de novo.” Há uma palavra em negrito a expressão em destaque tem o mesmo sentido que:

- (A) Caveira.
- (B) Morto.
- (C) Marido.

11) O marido fedia mais que um gambá, por quê?

- (A) Não gostava de tomar banho.
- (B) Mexeu com um gambá.
- (C) Estava morto.

12) Esse texto é:

- (A) Fábula.
- (B) Conto.
- (C) Texto informativo.

teríamos uma fonte extra de alimento - e o mais importante, sem custo.

Sem custo, mas não sem trabalho. Para começar, teríamos de capinar aquilo tudo e revirar a terra para depois plantar e colher. Meu pai não hesitou: vocês dois, que são os mais velhos, vão fazer isso.

Não gostamos muito da determinação. Não éramos preguiçosos, mas preparar a terra para fazer uma horta não era bem o nosso sonho e representaria um grande esforço. Contudo, não tínhamos alternativa. Quando papai dava uma ordem, era para valer. E, no caso, ele tinha decidido, apoiado pela mamãe, que era de uma família de agricultores e gostava de plantar.

Quem prepararia a terra? Foi a pergunta que fiz ao Pedro, que, além de mais velho, era o líder entre os irmãos. Pergunta para a qual ele já tinha a resposta:

- Isso é coisa para o Antônio.

Antônio era o irmão do meio. Com 9 anos, era um menino quieto, sonhador. Mas não era muito do batente, de modo que fiquei em dúvida: como convencê-lo a fazer o trabalho?

- Deixa comigo - disse Pedro, que se considerava muito esperto. - Eu sei como convencer o cara.

E sabia mesmo. Porque Pedro era dono de uma lábia fantástica, argumentava como ninguém. Ah, sim, e sabia contar histórias - inventadas por ele, claro. Era com uma história que pretendia motivar o Antônio a capinar o pátio.

Eu estava junto, quando ele contou a tal história. Era uma boa história: segundo um famoso professor, séculos antes, piratas franceses haviam andado pela nossa região, e ali haviam enterrado um tesouro. Expulsos pelos portugueses, nunca mais tinham retornado, de modo que a arca com joias e moedas de ouro ainda estava no mesmo lugar, que podia ser o pátio de nossa casa.

- O tesouro será a nossa salvação - concluiu Pedro, entusiasmado.

Antônio estava impressionado. Se havia coisa em que acreditava, era em histórias. Aliás, estava sempre lendo - era o maior frequentador da biblioteca do colégio.

- Quem sabe procuramos esse tesouro? - perguntou ele.

Era exatamente o que Pedro queria ouvir.

- Se você está disposto, eu lhe arranjo uma enxada...

Antônio mostrava-se mais do que disposto. No dia seguinte, um feriado, lá estava ele, enxada em punho, cavando a terra, diante do olhar admirado da família. Papai até perguntou o que tinha acontecido.

- Ele se ofereceu para fazer o trabalho - disse Pedro, dando de ombros.

Para encurtar a história: tesouro algum apareceu, mas, um mês depois, tínhamos uma horta no quintal. Antônio acabou descobrindo a trama de Pedro, mas não ficou zangado. Inspirado pelo acontecimento, escreveu uma história, com a qual ganhou um prêmio literário da prefeitura. Uma boa grana, que ele usou para comprar livros. Hoje é um conhecido jornalista e escritor. Acho que ele acabou, mesmo, encontrando o tesouro.

Fonte do texto: www.revistaescola.abril.com.br

1- Por que a história foi intitulada “O tesouro no quintal”?

2- Como era formada a família da história e em que condições viviam?

3- Por que o pai olhava para aquele enorme quintal da casa com tristeza?

4- O que o pai decidiu fazer naquele terreno abandonado e como organizou o trabalho?

5- O que fez Pedro para convencer Antônio a ajudar no trabalho com a horta?

6- O que acontece no desfecho da história?

7- Antônio é descrito como um grande leitor e há dois fatos que sustentam essa ideia apresentada pelo narrador. Quais são elas?

8- A história contada por Pedro a Antônio possui alguns elementos básicos de uma narrativa, como tempo, espaço, personagens e situação inicial. Defina qual é o tempo, o espaço, as personagens e a situação inicial na história que Pedro conta a Antônio.

Era uma boa história: segundo um famoso professor, séculos antes, piratas franceses haviam andado pela nossa região, e ali haviam enterrado um tesouro. Expulsos pelos portugueses, nunca mais tinham retornado, de modo que a arca com joias e moedas de ouro ainda estava no mesmo lugar, que podia ser o pátio de nossa casa.

9- A princípio, o narrador e Pedro acham que a ideia de fazer uma horta era muito boa, mas algo faz com que os garotos se incomodem com essa ideia. Por que os garotos se incomodam com a proposta do pai em fazer a horta?

10-Este conto apresenta uma história que aconteceu com uma família, formada por pai, mãe e cinco filhos. Eles são personagens da história. Quais desses personagens recebem nome?

11-O que sabemos sobre as personagens da história? Copie no quadro abaixo as palavras e as informações que você encontrou no texto.

| Pai | Mãe | Filhos |
|-----|-----|--------|
| | | |

Algum fato assustador acontece com esses personagens?

29ª Atividade

Comparando contos

Depois de conversarem sobre as personagens do conto “O tesouro no quintal” leiam, em duplas, mais um texto. Fique atento as personagens e, assim como fizeram antes, sublinhem todas as informações que encontrar sobre eles.

O tesouro enterrado

Numa das ruas que davam na pracinha de Belém, na antiga cidade de Huaraz, havia uma casa dos tempos coloniais que sempre estava fechada e que vivia cercada de mistérios. Diziam que estava repleta de almas penadas, que era uma casa mal-assombrada.

Quando esta história começou, a casa já havia passado por vários donos, desde um avaro agiota até o padre da paróquia. Ninguém suportava ficar lá. Diziam que estava ocupada por alguém que não se podia ver e que em noites de luar provocava um tremendo alvoroço.

De repente, ouviam-se lamentos atrás da porta, objetos incríveis apareciam voando pelos ares, ouvia-se o ruído de coisas que se quebravam e o tilintar de um sino de capela. O mais comum, porém, era se ouvirem os passos apressados de alguém que subia e descia escadas: toc, toc, tum; toc, toc, tum... As pessoas morriam de medo de passar por ali de noite.

Certo dia, chegou à cidade uma jovem costureira procurando uma casa para morar. A única que lhe convinha, por ficar no centro, era a casa do mistério.

Muito segura, a tal costureira afirmou que não acreditava em fantasmas e alugou o imóvel. Instalou ali a sua oficina, com uma máquina de costura, um grande espelho, cabides e uma mesa de passar a ferro.

Com a costureira moravam uma moreninha chamada Ildelfonsa e um cachorrinho preto, de nome Salguerito. E foi o pobre do animal que acabou pagando o pato, pois o fantasma da casa decidiu fazer das suas com ele: puxava-lhe o rabo, as orelhas, e vivia empurrando o coitadinho. Dormisse dentro ou dormisse fora da casa, à meia-noite Salguerito se punha a uivar de tal modo que dava medo. Arqueava o lombo, se arrepiava todo e ficava com os olhos faiscando de medo. Só dormia tranquilo na cozinha, ao pé do pilão.

As pessoas costumavam ir bisbilhotar para ver como era a tal costureirinha e saber como aqueles três estavam se arrumando na casa mal-assombrada. As duas mulheres não demonstravam em absoluto estar assustadas nem se davam por vencidas. A única coisa é que tinham que dormir com a lamparina acesa e com o cão na cozinha.

O fantasma acabou se cansando de infernizar o animal, mas começou então a deixar suas marcas na oficina da costureira: o espelho entortava sem que ninguém o tocasse; a máquina de costura começava a costurar sozinha; os carretéis caíam e ficavam rolando no chão; desapareciam as tesouras, o alfineteiro, o dedal e o caseador; as mulheres sentiam a presença de alguém que as seguia o tempo todo e, às vezes, o espelho ficava embaçado, como se alguém estivesse se olhando muito próximo dele.

Várias vezes o padre passou pela casa levando água benta, mas o copinho onde ela ficava sempre aparecia misteriosamente entornado.

– Isso não é coisa do diabo – esclareceu o padre. – As coisas do diabo se manifestam de outra maneira e acabam com água benta, invocações ou com a santa missa.

Com isso, as mulheres ficaram mais tranquilas.

– O que eu acho é que deve haver alguma coisa enterrada por aí. Dinheiro ou joias guardados em algum lugar. Talvez alguma alma penada queira mostrar a vocês o lugar em que está o tesouro para poder repousar em paz e, neste caso, é preciso ajudá-la – sentenciou o padre.

Havia, nessa época, pelas bandas de Huaraz, um homem que se dedicava a procurar tesouros, cujo nome era Floriano. Era famoso e possuía uma larga experiência nesse tipo de trabalho. Chamaram-no muito em segredo e, certo dia, chegou sem que ninguém soubesse. Entrou na casa recitando rezas e súplicas, fumando cigarros e queimando incenso:

– Alma abençoada, sabemos que estás aqui e que nos ouves. Se queres

alcançar o reino da paz, mostra-nos onde está enterrado o tesouro. Usa os sinais que quiseres, mas comunica-te conosco.

O homem ia de canto em canto repetindo a mesma coisa. Salguerito olhava para Floriano, latia e, em seguida, ia se deitar na cozinha, ao pé do pilão.

Floriano passou dois anos inteiros procurando o tal tesouro. A cada mudança de lua, lá estava ele, mas nunca encontrava uma resposta. Removeu o piso da casa inteira, bateu em todas as paredes, revistou as janelas e nada. Salguerito fazia sempre a mesma coisa: olhava para ele, latia e corria até a cozinha para atirar-se ao pé do pilão. Até que um dia Floriano se foi, dizendo que nessa casa não havia nenhum tesouro enterrado.

Mas um domingo, quando Ildefonsa estava socando milho no pilão da cozinha para fazer pamonhas, seus pés esbarraram numa espécie de alça enterrada. Intrigada, a mulher foi cavoucando e cavoucando com uma faca, até que apareceu não apenas a alça completa, mas a boca de uma panela de ferro. Era exatamente no lugar em que Salguerito costumava se enfiar para dormir e onde se atirava sempre que Floriano vinha procurar o tesouro.

Surpresa, Ildefonsa foi correndo chamar a costureira.

– Veja – disse-lhe –, há uma panela enterrada aí embaixo.

Imediatamente as duas mulheres empurraram o pilão e zás-trás! Apareceu o tesouro: uma panela repleta de moedas antigas de ouro e prata, joias e pedras preciosas dos tempos coloniais. Estava logo ali, à flor da terra, junto à pedra de moer.

Dizem que à meia-noite, depois de benzerem a casa, a costureira e Ildefonsa saíram da cidade levando consigo não apenas o tesouro encontrado, mas também Salguerito, o cãozinho judiado que lhes deu o sinal preciso de onde estava enterrado o tesouro.

Nunca mais se soube deles.

Conto do Peru, versão de Rosa Cerna Guardia. Coletânea de contos de tradição oral. Contos de assombração. Co-edição latino-americana. São Paulo: Ática, 1988, 4a ed.

Vocês provavelmente já sabem que as personagens desse conto são uma costureira, Ildefonsa, o cão Salguerito, o padre, o Floriano e uma alma penada.

Agora deverão preencher as informações do quadro abaixo, comparando este conto com o da atividade anterior:

Comparação dos dois contos

| | O tesouro no quintal | O tesouro enterrado |
|-------|----------------------|---------------------|
| Autor | | |
| Lugar | | |

| | | |
|----------------------|--|--|
| Tempo | | |
| Personagem | | |
| Fato marcante | | |

Salada de palavras

No quadro abaixo, você encontrará palavras e expressões retirados dos contos “O tesouro no quintal” e “O tesouro enterrado”. Elas estão misturadas e se referem aos lugares onde aconteceram os fatos narrados nas histórias.

| | | | |
|------------------|----------------|---|------------------|
| Cidade de Huaraz | Quintal grande | Panela repleta de moedas antigas de ouro e prata, | Mesa de passar |
| Casa pobre | Bela praia | Lamparina | Subúrbio |
| Pedras preciosas | Pilão | Casa dos tempos coloniais | Capim viçoso |
| Pedra de moer | Horta | Carretéis | Tilintar de sino |
| Jóias | Pneus velhos | Lamentos | Moedas |

Preencha cada coluna com as palavras e expressões que estão de acordo com o lugar descrito em cada conto.

| | |
|-----------------------------|----------------------------|
| O tesouro no quintal | O tesouro enterrado |
| | |

O que aprendemos até aqui?

Podemos dizer que, independentemente do número de parágrafos, o conto de assombração é, geralmente, planejado da seguinte maneira:

Introdução: apresentação do lugar e do personagem, sempre com descrições atraentes ao leitor.

Complicação: introdução do fato a ser narrado - o que aconteceu que merece ser narrado.

Desenvolvimento: narrativa do fato estranho com a aparições que assombram as personagens – como o fato aconteceu e que mudanças ele provocou.

Clímax: ocorre no desenrolar de um conflito, pouco antes do desfecho. É o ponto crucial do texto, onde não se sabe para que lado a história penderá.

Desfecho: o que foi descoberto e como ficaram o lugar e as personagens depois do fato.

31ª Atividade

Retomando as características dos contos de assombração

1. O **enredo** (ações narradas) apresenta sempre fatos estranhos, assustadores, misteriosos, para os quais não há uma explicação lógica.
2. Entre as **personagens**, há sempre um ser sobrenatural, que é a “assombração”, e que provoca medo e terror nos demais personagens, que fazem parte do “mundo dos vivos”.
3. O **narrador** pode ser personagem ou não. O mais comum é que o narrador não participe da história, mas a observa e narra, normalmente está reproduzindo um “caso” de que ouviu falar.
4. A descrição do **lugar** do **cenário** onde se passa os fatos é muito importante porque, muitas vezes, é por meio dos elementos do cenário que a assombração se manifesta.
5. Os fatos narrados no conto já aconteceram, já chegaram ao fim. O mais comum é que os contos de assombração apresentem histórias que aconteceram há muito tempo, em um passado distante.

Marcando o tempo na narrativa

Lembra-se do conto “A lição da caveira”? No primeiro parágrafo, Flavio Morais escreve o seguinte:

“Há muito tempo, numa noite sem lua, ia um homem por uma estrada deserta e assombrosa. Nela havia um cemitério muito velho. Tão velho e maltratado que algumas ossadas estavam até à mostra, dando ao lugar um aspecto assustador.”

A expressão “Há muito tempo” marca a época em que a história aconteceu.
“Numa noite sem lua” marca o momento em que a história começa.

Professor

Retome com os alunos os marcadores de tempo que podem aparecer em um texto, solicitando que anotem no caderno as seguintes informações:

- **Advérbios** "Ontem", "hoje", "amanhã", "já", "agora", "logo", "cedo", "tarde", "outrora", "breve", "nunca", "sempre", "jamais".
- **Locuções adverbiais** Duas ou mais palavras com valor de advérbio, como "às vezes", "em breve", "à noite", "à tarde", "de manhã", "de quando em quando".
- **Conjunções** Aquelas que dão a ideia de progressão na história que está sendo contada, como "enquanto isso", "depois disso", "logo que", "assim que".
- **Preposições** "Durante", "após" etc.

Os verbos também marcam o tempo

O tempo na narrativa também é marcado pelo verbo. Vamos reler o segundo parágrafo do conto “A lição da caveira”.

“Quando o homem passou pelo dito cemitério, avistou uma caveira quase à beira do caminho. Teve uma ideia sem ver nem pra quê: resolveu testar sua coragem diante do sobrenatural. Aproximou-se e, agachando-se, deu uma pancadinha com o nó do dedo no crânio alvo, perguntando, em tom de brincadeira:”

Observe que os verbos estão todos no tempo passado, para indicar que as ações aconteceram em um momento anterior ao que estamos vivendo agora. Para manter a coerência do texto e para que o leitor não se confunda, o autor mantém todos os verbos no passado.

Atividade

1. Sublinhe os verbos do trecho a seguir:

“Por aquilo o homem não esperava. Tomado pelo pavor, largou imediatamente o macabro objeto e afastou-se impressionado com o que acontecera. Beliscou-se. Não estava louco; nem sonhando. A caveira realmente havia falado. Tinha certeza daquilo. Olhou para trás e a avistou. Parecia encará-lo com aqueles enormes buracos escuros. Um arrepio percorreu-lhe a espinha. Caminhou o resto da noite até que, ao amanhecer, chegou a um lugarejo.”

32ª Atividade

Observando a linguagem descritiva do conto

No primeiro parágrafo, o autor também se preocupa em dar ao leitor uma boa ideia do lugar em que o homem andava, observe:

“[...] por uma estrada deserta e assombrosa. Nela havia um cemitério muito velho tão velho. Tão velho e maltratado que algumas ossadas estavam até à mostra dando ao lugar um aspecto assustador.”

Atividade

Retome a leitura indicada pelo seu(a) professor(a) e grife no texto as partes que indicam e descrevem o lugar em que se passa a história.

Após esse momento, socialize com a turma as suas descobertas!

33ª Atividade

Descrevendo personagens

Há também trechos do texto em que o autor descreve as personagens, falando do seu aspecto e das suas atitudes. Observe o trecho abaixo e:

- circule as palavras e expressões que descrevem a multidão.
- sublinhe as atitudes da multidão.

“O homem percebeu, assustado, a multidão que se sentia ludibriada caminhar em sua direção. Olhos vidrados, expressões furiosas nos rostos, andavam lentamente, como uma turba de mortos-vivos. Pegavam o que podiam no chão: paus, pedras, restos de cruces, ossos. Enquanto fechavam o cerco em redor dos assombrado estranho, esbravejavam, em couro, chamando-o de mentiroso, embusteiro e enganador.”

34ª Atividade

Praticando – Adicionando mais elementos na narrativa.

Para iniciar, leia o trecho inicial do conto:

“Meia noite, cansado e com sono, lá estava eu, andando pelas ruas sujas e desertas dessa cidade. Minhas únicas companhias eram a Lua e alguns animais de vida noturna. Num canto havia um cão e um gato tentando encontrar alimentos, revirando latas de lixo. Em outro ponto da rua, ratos entravam e saíam de um esgoto próximo à padaria da esquina. Eu estava tentando lembrar por que havia saído tão tarde do emprego, quando ouvi uns passos atrás de mim.”

A partir desse trecho, observando o que ele traz e a sua criatividade, responda às questões:

1. Quando a história aconteceu?

2. Em que lugar ela ocorreu? Como era esse lugar?

3. Quem participa da história? Como são os personagens?

4. Qual assombração aparece na história?

5. Em que lugar e quando ela aparece?

6. De que maneira ela se manifesta? Que problema ela causa? O que ela faz no lugar e para as personagens?

7. Qual é a reação das personagens diante da assombração?

8. De que maneira é resolvido o problema causado pela assombração?

Agora, anote os pontos principais que colocará no conto:

Complicação (introdução do fato a ser narrado - o que aconteceu que merece ser narrado):

Desenvolvimento (narrativa do fato estranho com a aparições que assombram as personagens – como o fato aconteceu e que mudanças ele provocou):

Clímax (ocorre no desenrolar de um conflito, pouco antes do desfecho. É o ponto crucial do texto, onde não se sabe para que lado a história penderá):

Desfecho (o que foi descoberto e como ficaram o lugar e as personagens depois do fato):

Após a escrita do conto de assombração, releia-o, observando se colocou todos os aspectos indicados na planilha abaixo. Caso tenha esquecido de algum item, revise o seu texto.

REVISANDO E EDITORANDO O CONTO DE ASSOMBRAÇÃO

PLANILHA DE AUTOAVALIAÇÃO

| Aspectos a serem observados na produção textual | Sim | Não | Revisar |
|--|-----|-----|---------|
| Você colocou o título? | | | |
| Você descreveu as personagens, suas características físicas e psicológicas, seus comportamentos? | | | |
| Apresentou o suspense que deveria ser desvendado? | | | |
| Considerou se o(a) leitor(a) conseguirá compreender o texto com facilidade? | | | |
| Você deu continuidade ao início misterioso? | | | |
| Você apresentou os fatos essenciais da narrativa? | | | |
| A ordem que apresentou os fatos estava correta? | | | |
| O texto foi apresentado de maneira atrativa? | | | |
| Você organizou os parágrafos adequadamente? | | | |
| Você utilizou os sinais de pontuação adequados ao que pretendia dizer? | | | |
| Utilizou letra maiúscula sempre que necessário? | | | |
| Escreveu de maneira legível? | | | |
| Fez uma revisão da ortografia? | | | |
| Fez uma revisão da acentuação das palavras? | | | |